

PROCESSO DE ENFRENTAMENTO AO LUTO EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM: REVISÃO DE LITERATURA

Jessica Martins Figueiredo Rosa¹; Pabla Alarcon Zerlin²; Luis Alberto Domingo Francia Farje³

¹Discente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
jmartinsmp12@gmail.com;

²Discente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
pabla.aalarcon@gmail.com;

³Professor Doutor do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB .

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: luto, cuidados paliativos, sentimentos, morte, enfermagem.

Introdução: Na idade média o processo de morrer se caracterizava por um evento a ser celebrado, reunindo a comunidade e todos os entes queridos. No entanto, esse processo foi se alterando ao longo do tempo, tornando-se cada vez mais solitário e doloroso, uma vez que o enfermo passou a ser tratado em ambiente hospitalar. O que levou a descaracterização de todo o evento (Peito; Melo; Longo, 2021). O profissional de enfermagem está sempre em contato próximo ao paciente participando de cada etapa, assistindo e amparando no cuidado paliativo e de morte (Alves de Brito *et al.*, 2024). Perder um paciente também pode ser um processo difícil para este profissional, principalmente quando o falecimento não segue a linha natural da vida. Assim, os profissionais de saúde que estão diariamente na linha de frente podem vivenciar sentimentos de injustiça e revolta (Dias; Martins, 2021).

Objetivos: Contextualizar sobre o processo de enfrentamento ao luto em profissionais de enfermagem em diferentes tipos de perfil de paciente.

Relevância do Estudo: Apontar como o profissional de enfermagem lida no processo da morte e as maneiras enfrentamento ao luto

Materiais e métodos: A pesquisa foi conduzida através de uma revisão da literatura bibliográfica retrospectiva de artigos científicos com a abordagem narrativa, do período de 2014 a 2024, em bases de dados eletrônicas sobre o processo de luto por profissionais de enfermagem.

Resultados e discussões: Profissionais de enfermagem, durante toda a graduação, não são preparados para o processo de perda de um paciente. Os cursos, em geral, estão focados em todo o processo técnico e burocrático da enfermagem. A falta de preparo psicológico e a jornada exaustiva de trabalho elevam o nível de estresse, refletindo no atendimento e no modo como a sociedade desumaniza a enfermagem. O falecimento de um paciente paliativo ou de doença grave, assim como os idosos, são vistos como curso natural da vida, alívio do sofrimento e dor daquele paciente e de seus familiares, então o profissional sente que cumpre o papel humanizando aquele paciente, porém o mesmo sentimento não acontece quando o paciente é uma criança ou adolescente. Nesses casos, há sobre os profissionais o sentimento de impotência, revolta e culpa, deixando a equipe desestabilizada (Dias; Martins, 2021). Para Peito, Melo e Longo (2021), pacientes em unidade de terapia intensiva despertam sentimento de culpa e impotência devido ao vínculo criado durante a internação, bem como acidentes de automóveis, mortes prematuras e doenças incuráveis. Berti, Souza e Magri (2023) aponta que a humanização do cuidar abrange toda a assistência de enfermagem desde o primeiro contato, na escolha da palavra certa, acolhimento e prestação do serviço. Neste sentido,

Araújo da Silva *et al.* (2017) acrescenta que as habilidades de comunicação do profissional de enfermagem são fundamentais nos cuidados paliativos, uma vez que permite uma melhor prática clínica. Esses cuidados são sensíveis e exigem maior proximidade.

Conclusão: Os profissionais de enfermagem buscam maneiras de evitar o confronto direto com a morte. O processo do luto na perda de um paciente desperta sentimento de impotência, falta de apoio psicológico e profissional levando a automatização do processo de cuidar, evitando o vínculo e apego emocional.

Referências

ALVES DE BRITO, C. *et al.* Cuidados paliativos no Brasil: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 71–80, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n2p71-80. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1359>. Acesso em: 14 out. 2024.

ARAUJO DA SILVA, V. *et al.* Teoria da Adaptação de Roy e Modelo do Processo Dual de Luto fundamentando o cuidado paliativo de enfermagem à família. DOI: 10.15343/0104-7809.201740A521536. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 40, n. A, p. 521–536, 2017. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/187>. Acesso em: 14 out. 2024.

BERTI, L. de O.; DE SOUZA, T. C.; MAGRI, M. P. de F. Processo de luto frente à equipe de enfermagem do pronto socorro. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 10271–10287, 2023. DOI: 10.34119/bjhrv6n3-149. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/60008>. Acesso em: 13 out. 2024.

DIAS, L. F. G. .; MARTINS, W. O impacto do luto para os profissionais de enfermagem da unidade de emergência. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 14, p. e261101421972, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.21972. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/21972>. Acesso em: 13 out. 2024.

PEITO, Brenda de B.; MELO, Milena A.; LONGO, Cristiano da S. Luto em profissionais de enfermagem frente ao processo de morte e morrer de paciente sob seus cuidados: uma revisão bibliográfica sintética. **Revista Psicologia em Foco**, [S. l.], v. 12, n. 17, p. 15–27, 2021. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/psicologiaemfoco/article/view/3776>. Acesso em: 14 out. 2024.

PROFILAXIA DE TROMBOEMBOLISMO VENOSO NO PERÍODO PÓS-OPERATÓRIO

Naara Ferreira Soares¹; Josiane Estela de Oliveira Prado².

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – naara358@gmail.com

² Docente de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – josituca66@gmail.com

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Tromboembolismo; Enfermagem; Profilaxia; Procedimento Cirúrgico.

Introdução: O Tromboembolismo Venoso (TEV) é uma complicação patológica grave, porém, potencialmente evitável, que, comumente intercorre no período pós-operatório de diversas cirurgias, podendo desencadear a trombose venosa profunda (TVP) e o Tromboembolismo Pulmonar (TEP). O Tromboembolismo venoso manifesta-se quando há uma oclusão total ou parcial da circulação gerada por um trombo, e o seu desprendimento poderá ocasionar obstrução do fluxo sanguíneo, dirigindo-se à artéria pulmonar, acarretando o TEP, enquanto conduzida às veias profundas de membros inferiores, gerando o TVP (FLAMIA *et al.*, 2021). De acordo com Rocha *et al.* (2020) o TEV é uma complicação habitual em pacientes hospitalizados, e de forma sucinta se torna potencialmente fatal, afetando 60% dos que se encontram internados, possuindo alto grau de mortalidade, chegando a 5-10% das mortes dos pacientes.

Objetivos: Evidenciar a importância de medidas profiláticas que podem ser utilizadas na prevenção de tromboembolismo venoso em pacientes submetidos a procedimento cirúrgico no período pós-operatório.

Relevância do Estudo: Diversas complicações devido a procedimentos cirúrgicos ocorrem no período pós-operatório, muitas delas são passíveis de prevenção, porém, muito banalizadas, visto que, muitos pacientes em risco de TEV não são inspecionados regularmente durante a internação hospitalar e não recebem profilaxia de forma apropriada. Nesse sentido, compreendemos a importância de contextualizarmos o assunto para que haja menor incidência de tromboembolismos e consequentemente menor número de mortes.

Materiais e métodos: Tratou-se de uma revisão bibliográfica narrativo-descritiva. A pesquisa se deu a partir de periódicos disponíveis nas Bases de Dados da Biblioteca virtual da Saúde (BVS) realizado nos meses de junho a outubro de 2024. Foram incluídos artigos disponíveis gratuitamente e com texto na íntegra, publicados nos últimos dez anos no idioma português. Foram utilizados os descritores “Tromboembolismo”; “Enfermagem”; “Profilaxia”; “Procedimento Cirúrgico” sendo obtidas cinco publicações que compuseram o referencial teórico proposto.

Resultados e discussões: O tromboembolismo venoso que comumente inclui TVP e TEP são considerados problemas graves de saúde, sobretudo em pacientes submetidos a cirurgias, ocasionando alto índice de mortalidade e gerando custos financeiros elevados (AMARAL *et al.*, 2017). Inúmeros fatores cooperam para o surgimento do tromboembolismo, como distúrbios de coagulação, idade avançada, sobrepeso, hábitos de vida ruins, pacientes com quadro de DPOC, cardiopatias, tipo de anestesia, e duração do procedimento, mas os traumas e tempo de internação pós operatório, implicam a maior parte dos casos. Além do mais, o TEV é uma enfermidade difícil de estimar com precisão, pois suas manifestações clínicas e sua sintomatologia são inespecíficas e muitas vezes não são detectadas, resultando em apenas 50% dos casos diagnosticados (DEUS; HEBERLE, 2022; AMARAL *et al.*, 2017). Profilaxias medicamentosas e mecânicas para pacientes clínicos e cirúrgicos existem e estão bem estabelecidas em consensos internacionais, no entanto, a realidade evidencia que, “50%

dos pacientes não estão recebendo profilaxia quando indicada, ou estão recebendo de forma inadequada” (CURTARELLI *et al.*, 2019). Estudos revelam que o tratamento profilático é um dos métodos mais simples e eficazes para diminuir os riscos, mas não há uma adesão apropriada dos protocolos de profilaxia, embora existam dados que comprovem sua eficácia transcorrendo de forma adequada, diminuindo as complicações no pós-operatório (DEUS; HEBERLE, 2022). O método profilático para o TEV e suas divisões são caracterizadas como farmacológica e mecânica, sendo a primeira, o uso de fármacos anticoagulantes, e de acordo com Flâmia *et al.* (2021) um dos medicamentos utilizados é “a enoxaparina, uma heparina de baixo peso molecular (HBPM)”, contudo, o segundo modo de prevenção é utilizado em pacientes com contraindicações farmacológicas. Esse método profilático inclui meias de compressão, deambulação e botas de compressão pneumática intermitente, as meias de compressão são usadas na redução do TEV e são altamente eficientes no tratamento preventivo.

Conclusão: Diante do exposto, nota-se a gravidade do tromboembolismo e suas divisões no período pós-operatório, que constantemente resultam em desfechos fatais. Dessa forma, visando a redução dos riscos em pacientes que se encontram em pós-operatório imediato (POI), comprova-se a necessidade de medidas profiláticas de forma adequada e eficiente, para que haja menor índice de eventos trombóticos. Entretanto, para se obter sucesso no tratamento, se faz necessário que essas medidas sejam direcionadas de forma individualizada, avaliando as condições e fatores de risco de cada paciente, atentando-se, inclusive, para o uso de prevenção mecânica além da farmacológica, aumentando a possibilidade de intervenção em episódios de TEV.

Referências:

AMARAL, C. *et al.* Estudo tromboembolismo venoso pós-operatório (trevo)-risco e mortalidade por especialidade cirúrgica. **Revista Portuguesa de Cardiologia**, v. 36, n. 9, p. 609-616, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0870255117302858>. Acesso em: 17 out. 2024.

CURTARELLI, A. *et al.* Profilaxia de tromboembolismo venoso, podemos fazer melhor? Perfil de risco e profilaxia de tromboembolismo venoso em Hospital Universitário do interior do Estado de São Paulo. **Jornal Vascular Brasileiro**, v. 18, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jvb/a/rYh5qSTvHXpbRFpgPFGSTfm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2024.

DEUS, J. L. B.; HEBERLE, S. M. A fisioterapia no tromboembolismo pulmonar: Physiotherapy in pulmonary thromboembolism. **ANais da Mostra de Iniciação Científica do CESUCA-ISSN 2317-5915**, n. 16, p. 347-354, 2022. Disponível em: <https://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/view/2361>. Acesso em: 17 out. 2024.

FLÂMIA, B. I. *et al.* Profilaxia de tromboembolismo venoso em pacientes cirúrgicos. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, p. e6878-e6878, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6878>. Acesso em: 17 out. 2024.

ROCHA, A.T. C. *et al.* Protocolos de profilaxia de tromboembolismo venoso (TEV) em hospitais brasileiros - PROTEV Brasil. **Jornal Vascular Brasileiro**, v. 19, 2020. Disponível em: <https://jvascbras.org/article/10.1590/1677-5449.190119/pdf/jvb-19-e20190119.pdf>. Acesso em: 17 out. 2024.

ENFRENTAMENTO DA MULHER COM CÂNCER NA GESTAÇÃO: REPERCUSSÃO PARA MÃE E BEBÊ

Beatriz Da Silva Fontes¹, Lidia Regina Costalino Cabello², Vanessa Malacrida de Moraes³

Aluna de enfermagem- Faculdades Integradas de Bauru – FIB; beatrizfontes1107@outlook.com

Professora do curso de enfermagem- Faculdades integradas de Bauru- FIB;

lidiareginacabello@hotmail.com

Professora do curso de enfermagem- Faculdades integradas de Bauru- FIB;

vani.malacrida@gmail.com

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chaves: Gravidez, Neoplasia, Pré-Termo, Diagnóstico Precoce.

Introdução: O Câncer é uma das maiores causas de morte, principalmente em gestantes em idades avançadas. Entre os anos de 2023 e 2025 estimativas apontam um aumento de 74 mil novos casos de câncer de mama entre mulheres, onde é mais frequente em mulheres na faixa etária dos 40 anos (Maia; Atty; Tomazelli, 2023). O câncer de colo uterino é conhecido com a sua evolução lenta, favorecendo o diagnóstico precoce e bem-sucedido (Ferreira, 2022). As mulheres tem dificuldades em lidar como diagnóstico, apresentando medo da morte e de perder o bebê e o luto pela impossibilidade de viver a gestação idealizada (Gomes; Van der Sand; Girlando-Perlini, 2020). O tratamento desses casos podem ser através de cirurgias realizadas em qualquer momento da gestação. (B.P., 2021).

Objetivo: Abordar a maneira que o câncer de mama e de colo de útero se manifesta durante o período da gestação e descrever as principais repercussões relacionadas a mãe e o bebê.

Relevância: Contribuir para que se tenha o conhecimento sobre a temática colaborando para a melhor conduta e tomada de decisões, bem com os riscos e benefícios de cada terapêutica, amparada por uma equipe multidisciplinar para dar o apoio que esta mãe necessita durante o tratamento, na tentativa de minimizar seus impactos na gestação e as repercussões negativas na vida da mãe e o bebê.

Métodos: A pesquisa foi realizada com base nos bancos de dados eletrônicos da SciELO, Medline e Google Acadêmico, por meio da utilização dos seguintes descritores: Gravidez, Neoplasia, Pré-Termo, Diagnóstico Precoce.

Resultados e discussões: Segundo Rocha, Barbosa e Lima (2017) a assistência ao pré-natal deve ser iniciada no primeiro trimestre gestacional, o profissional deve promover o cuidado integral a saúde da mulher. Para o câncer de mama, afirma-se que o melhor tratamento é a mastectomia. Entretanto, a cirurgia conservadora é possível se a radioterapia for prorrogada ao pós-parto. Já a quimioterapia deve ser indicada a partir do segundo trimestre até a 35 semana, com risco de abortamento quando realizada no primeiro trimestre podendo ocasionar parto prematuro e baixo peso (Rodrigues *et al.*, 2016). De acordo com Oliveira (2016), a um percentual de 83% dos casos de câncer no colo uterino que são descobertos no estágio I, durante o primeiro trimestre o câncer é tratado com cirurgia, a partir do segundo trimestre já se pode começar o tratamento com a quimioterapia, assim diminuindo os riscos de aborto e malformações, há indicação de parto cesárea para tratar o câncer de imediato através da cirurgia. Para o câncer em estádios II, III, e IV é indicado a quimioterapia, radioterapia e a histerectomia radical.

Conclusão: O câncer gestacional foi reconhecido como fator que repercutiu na forma de vivenciar todo o processo da maternidade, devemos salientar que o cuidado integral a mulher com câncer na gestação é um desafio para toda equipe de saúde. O enfermeiro, devem ter

uma atenção redobrada com as gestantes, estando atento para qualquer alteração, contribuindo no controle da doença e dos agravos, com o intuito de garantir uma melhor sobrevida tanto para a mãe quanto para o bebê.

REFERENCIAS:

B.P - BENEFICÊNCIA PORTUGUESA DE SÃO PAULO. **Câncer na gravidez e no puerpério tem tratamento.** Atualizado em: 12 jul. 2021. Disponível em: <https://www.bp.org.br/artigo/cancer-na-gravidez-e-no-puterperio-tem-tratamento>. Acesso em: 9 mar. 2024.

FERREIRA, M. C. M. Detecção precoce e prevenção do câncer do colo do útero: conhecimentos; atitudes e praticas de profissionais da ESF. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n.6, p. 2291-2302, 2022. DOI: 10.1590/1413-81232022276.17002021
Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2022.v27n6/2291-2302/pt>. Acesso em 15 mar. 2024.

GOMES, J. S; VAN DER SAND, I. C. P; GIRARDON-PERLINI, N. M. O. Câncer gestacional: do diagnostico às repercussões na vivência familiar da maternidade. **Revista da escola de enfermagem da USP**. v.55. e.20200518. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-220x-REEUSP-2020-0518>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/Qr48Xs4GqbWH5Zsk8T5QLmS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 3 mar. 2024.

MAIA, C. F. C; ATTY, A. T. M; TOMAZELLI, J. Diagnóstico precoce de câncer de mama em mulheres com lesões palpáveis: Oferta, realização e necessidade de biopsias no município do Rio de Janeiro. **Instituto Nacional do câncer (INCA)**. v. 69 n. 3, e- 193963. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2023v69n3.3963>. Disponível em: file:///C:/Users/55149/Downloads/Art19_69-3.pdf . Acesso em: 1 mar. 2024.

OLIVEIRA, C. C. S. O câncer de colo do útero na gravidez. **Instituto nacional do câncer (INCA)**. Rio de janeiro 2016. Disponive em: <https://search.app/E6QZ5QLXe12MDTSU6>. Acesso em 07 set. 2024.

ROCHA, I.M. S; BARBOSA, V. S. S; LIMA, A. L. S. Fatores que influenciam a não adesão ao programa de pré-natal. **Rev. Científica de enfermagem**, São Paulo, v.7, n.21, p21-29. 2017. Disponível em: <https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/143/146> Acesso em 14 Ago. 2024.

RODRIGUES, C. M.O *et al.* Reperussão do tratamento das neoplasias durante a gestação .**REV. cienc.saude nova esperança**. Abr 2016. V. 14, n. 1, pag. 67-72. Disponível em : <https://revista.facene.com.br/index.php/revistane/article/view/78/84>. Acesso em 02 set. 2024.

A ABORDAGEM GERAL DA ASMA: PRINCIPAIS FATORES QUE INTERFEREM NA QUALIDADE DE VIDA DO PACIENTE ASMÁTICO

Gercivaldo Gomes de Almeida¹; Lídia Regina Costalino Cabello²; Andréia Caron³;

¹Aluno de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB;
gercivaldogomesjose@gmail.com;

²Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB;
lidiareginacabello@hotmail.com;

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB;
andreiacaron@hotmail.com;

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Asma, Qualidade de vida, Doença crônica, Dispneia.

Introdução: A asma é um problema de saúde global que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, representando uma carga significativa para indivíduos, famílias e comunidades (Pitrez, 2023). Diversos fatores de risco estão associados à patogênese da asma, sendo a atopia um dos principais, presente em cerca de 80%-90% dos asmáticos. O diagnóstico clínico geralmente é realizado a partir dos 2 anos de idade (Rodrigues *et al.*, 2021). Não existem tratamentos curativos para a asma, apenas alternativas terapêuticas destinadas ao alívio dos sintomas e à melhoria da qualidade de vida dos afetados (Santos *et al.*, 2022).

Objetivos: Esse trabalho visou angariar as mais recentes e atualizadas bibliografias sobre a temática que envolve a abordagem geral da asma. Tendo como objetivo explanar sobre a qualidade de vida dos pacientes asmáticos.

Relevância do Estudo: O conhecimento sobre a abordagem geral da asma é o principal componente para elucidar o diagnóstico, fatores de risco e tratamento, bem como a exclusão de outras causas confundidoras, colaborando para uma melhor qualidade de vida do paciente acometido por essa condição.

Materiais e métodos: Esta pesquisa foi uma revisão da literatura no formato narrativo e descritivo, com uma abordagem exploratória (Matias-Pereira, 2016). A pesquisa foi realizada de Julho a Setembro de 2024 com base nos bancos de dados eletrônicos da SciELO, Medline, BVS e Google Acadêmico, por meio da utilização dos seguintes descritores: asma, qualidade de vida, doença crônica, dispneia, foram excluídos os demais materiais, com base nos seguintes critérios de exclusão: artigos e materiais publicados com mais de 10 anos e por não apresentarem adequação suficiente ao tema empregado, exceto a inclusão de um artigo do ano de 2011 que continha informações imprescindíveis para a elaboração deste estudo.

Resultados e discussões: O tratamento da asma é ajustado conforme a necessidade terapêutica para o controle dos sintomas e das exacerbações. Os medicamentos para o tratamento da asma podem ser divididos em controladores de alívio ou resgate. Além disso, a educação do paciente é parte fundamental do tratamento não farmacológico da asma (Brasil, 2023). A qualidade de vida dos asmáticos pode ser mensurada por meio de vários instrumentos que quantificam e atribuem valores a fatores modificáveis, contribuindo para o bem-estar dos pacientes (Pereira *et al.*, 2011).

Conclusão: Certos fatores ligados à asma, como uma maior gravidade ou uma maior dificuldade em controlar sintomas, estão ligados ao agravamento na qualidade de vida. Deste modo uma abordagem holística e multidisciplinar é necessária para um melhor atendimento aos pacientes.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. **21/06: Dia Mundial de Controle da Asma: Asma: fatores ambientais e genéticos podem causar a doença.** 2023. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/21-06-dia-nacional-de-controle-da-asma-asma-fatores-ambientais-e-geneticos-podem-causar-a-doenca/#> Acesso em: 24 mar. 2024.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/88773167/Manual-Da-Metodologia-Da-Pesquisa>. Acesso em: 10 maio 2024.

PEREIRA, E. D. B *et al.* **Controle da asma e qualidade de vida em pacientes com asma moderada ou grave.** *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, v. 37, n. 6, p. 705-711, dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1806-37132011000600002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpneu/a/9FpLJBW4BPPthNLnGqhdQnb/?lang=pt>. Acesso em: 8 set. 2024.

PITREZ, P. M. Os desafios do tratamento da asma em países de média e baixa renda: o que vem a seguir? **Jornal brasileiro de pneumologia.** Porto Alegre. v. 49, e20230215, 2023. DOI <https://dx.doi.org/10.36416/1806-3756/e20230215>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpneu/a/TP37Y55rPXj7Wmf8HzsPp6n/?lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2024.

RODRIGUES, A. S *et al.* Abordagem geral da asma: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Médico.** v. 1, e 9129, 2021. DOI <https://doi.org/10.25248/reamed.e9129.2021>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/medico/article/download/9129/5572/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

SANTOS, T. L *et al.* Principais fatores desencadeadores da asma brônquica: revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem.** v. 19, e10578, jul. 2022. DOI <https://doi.org/10.25248/reaenf.e10578.2022>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/10578/6280>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO PARTO HUMANIZADO

Anna Julia José da Cruz¹; Vanessa Malacrida de Moraes²; Flavia Cristina Pertinhes Franco³.

¹Discente do Curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
annajuliajosedacruz24@hotmail.com;

² Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
vani.malacrida@gmail.com;

³ Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
flavi.franco@uol.com.br

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Assistência de Enfermagem, Parto, Humanização, Parto Normal.

Introdução: O conceito de humanização é multifacetado, abrangendo diversas interpretações e marcado por imprecisões. As diferentes formas de perceber ou compreender a humanização estão interligadas e não podem ser dissociadas. A humanização é a qualidade do cuidado, que inclui a valorização dos trabalhadores e o reconhecimento dos direitos dos usuários (Moreira *et al.*, 2015). Humanizar o parto não significa apenas fazer o parto normal, realizar ou não procedimentos, mas sim tornar a mulher protagonista desse momento e não apenas expectadora, dando-lhe liberdade de escolha nos processos decisórios (Nascimento; Silva; Viana, 2018). Visto a necessidade de destacar o papel fundamental dos enfermeiros na promoção de um parto humanizado, contribuindo para uma experiência positiva e segura para as mulheres e recém-nascidos.

Objetivos: Descrever a assistência de enfermagem prestada durante o parto normal humanizado.

Relevância do Estudo: Mediante ao desconhecimento da importância do parto humanizado, este estudo salienta a relevância da enfermagem no auxílio ao parto normal, visando proporcionar educação e o reconhecimento do direito das mulheres.

Materiais e métodos: Esse estudo trata-se de uma revisão de literatura do tipo narrativa, que na qual, consiste em buscar, analisar e descrever o conhecimento em busca de uma resposta. Ao aplicar a estratégia de busca referida, resultou em um total de 410 trabalhos de acordo com as bases pesquisadas, como critério de inclusão foi selecionado, 20 trabalhos que contemplavam o tema assistência de enfermagem, parto, humanização, parto normal, publicados de 2014 a 2024, no idioma português e como critério de exclusão, foram retirados artigos com o ano de publicação inferior a 2014, que não eram no idioma e que não condiziam com o tema e objetivo proposto.

Resultados e discussões: Durante muito tempo, a assistência à mulher durante o parto era realizada por outras mulheres, chamadas de parteiras ou assistentes de parto, consideradas capazes de colaborar com a futura mãe em alguma tarefa relacionada ao parto. (Jacob *et al.*, 2022). Segundo Silva (2017) com o avanço científico, o parto foi transferido do domicílio para o hospital, que desenvolveu regras para atender às necessidades de segurança do médico, excluindo familiares e amigos das parturientes. A maioria dos nascimentos no Brasil, ocorre por um intenso processo de medicalização do parto, com intervenções desnecessárias e iatrogênicas; separação da gestante de seus familiares; falta de privacidade; e desrespeito a sua autonomia, que contribuem para que uma a cada quatro mulheres viva algum tipo de violência durante a assistência (Menezes *et al.*, 2020). Ao enfermeiro que estará junto a paciente no processo do parto, seja no pré-parto ou pós, Menezes *et al.* (2020) destaca a importância de relatar quaisquer comportamentos ou práticas que possam configurar violência

obstétrica, como desrespeito às escolhas da gestante ou tratamento desumano e envolver-se na formulação e revisão de protocolos e diretrizes que promovam o parto humanizado e a proteção dos direitos das gestantes.

Conclusão: De acordo com elaboração desta pesquisa é possível chegar às seguintes conclusões, a luta para a redução das intervenções durante o parto natural é muito grande, seja por falta de profissionais capacitados, falta de enfermeiros informado ou por falta de tempo para acompanhar o processo do trabalho de parto, ou pelos médicos que em ainda não aceitar as atribuições dos enfermeiros obstetras, etc. Por fim, conclui-se que a escolha do tema foi devido a importância da ação do enfermeiro frente ao parto, a falta de informações e esclarecimentos as mulheres, seja no pré-natal ou durante o parto, está entre as razões que aumentam a incidência de intervenções cirúrgicas desnecessárias ou até mesmo situações de violência obstétrica.

Referências

JACOB, T. DE N. O. *et al.* A percepção do cuidado centrado na mulher por enfermeiras obstétricas num centro de parto normal. **Escola Anna Nery**, v. 26, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/GYhvc6TGdgSzZMnFCQfBWXS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de ago. 2024.

MENEZES, F. R. DE *et al.* O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. **Interface**, v. 24, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/SNcjQGxYnDGYbfXPCTvcsgq/?lang=pt>. Acesso em 22 de ago. 2024.

MOREIRA, M. A. D. M. *et al.* Políticas públicas de humanização: revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 10, p. 3231–3242, out. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/fJvqxsD4Lwy7L38Sy797qvw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2024.

NASCIMENTO, F. C.; SILVA, M. P.; VIANA, M. R. P. Assistência de enfermagem no parto humanizado. **Revista Prevenção de Infecção e Saúde**, v. 4, 15 abr. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/nupcis/article/view/6821/pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SILVA, I. A. *et al.* Percepção das puérperas acerca da assistência de enfermagem no parto humanizado. **Revista UNINGÁ**, v. 53, n. 2, p. 37-43, 2017. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/1440>. Acesso em: 17 set. 2024.

O ALEITAMENTO MATERNO NA PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA: ATUAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

Larissa Camila Scalfe Silva¹; Lídia Regina Costalino Cabello²; Flavia Cristina Pertinhes Franco³;

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB- larissacamilah1234@gmail.com

²Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB-
lidiareginacabello@hotmail.com;

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru- FIB-
flavi.franco@uol.com.br

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Câncer de mama, Aleitamento materno, Prevenção, Assistência de enfermagem.

Introdução: O aleitamento materno é uma prática insubstituível em fornecer o alimento que a criança necessita. Possui benefícios tanto para a mãe como para o filho, entre eles, protegendo a mãe de um possível câncer de mama e favorecendo para o filho o crescimento e desenvolvimento saudável, além do vínculo afetivo entre ambos (Sombra, 2019). A amamentação é considerada um fator protetor relacionado ao câncer de mama, onde o ato praticado amadurece as glândulas mamárias as tornando menos suscetíveis a doença. Este ato diminui o estrogênio que resulta em um fator de risco para o aparecimento deste câncer (Soares *et al.*, 2019). A assistência da enfermagem é de suma importância para a promoção da saúde, bem como os problemas que interferem na prática do aleitamento (Palheta; Aguiar, 2021).

Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo relacionar o aleitamento materno como forma preventiva do câncer de mama em mulheres.

Relevância do Estudo: Incentivar o aleitamento materno como forma de prevenção ao câncer de mama, sendo de suma importância para a sensibilização das gestantes a esta prática e conscientizar os profissionais de saúde sobre a importância da amamentação.

Materiais e métodos: Compreende uma revisão de literatura em formato narrativo e descritivo, com abordagem exploratória. Foram utilizados 5 artigos com base nos bancos de dados eletrônicos da Scielo, Bvs, Google Acadêmico, Inca, Boletim Científico de Pediatria, Revista Eletrônica.

Resultados e discussões: Nos dias atuais, não se há dúvidas de que a amamentação é a melhor maneira de se criar vínculo com o filho, além de ofertar os nutrientes que a criança necessita. O seio materno é o melhor meio para se combater a desnutrição, morbidade e mortalidade infantil. A amamentação é protegida por diversas leis que tem por objetivo garantir o direito das mulheres de amamentar seus bebês de forma tranquila e sem constrangimentos. A ausência da amamentação ou sua interrupção precoce bem como a introdução de outros tipos de alimentos na dieta da criança têm sido frequentes, levando a consequências potencialmente danosas à saúde do bebê, tais como a exposição precoce a agentes infecciosos, contato com proteínas estranhas e prejuízos ao processo de digestão. Com o desmame precoce, a mãe perde a proteção natural contra a exposição ao câncer da mama e de ovário. O profissional de enfermagem precisa estar preparado para prestar assistência eficaz, solidária, integral e contextualizada, que respeite o saber e a história de vida de cada mulher, considere os aspectos emocionais, a cultura familiar, a rede social de apoio à mulher, entre outros e que a ajude a superar medos, dificuldades e inseguranças prestando assim uma assistência individualizada (Medeiros; Rezer, 2023). A enfermagem possui um

papel de suma importância em orientar as gestantes em relação ao ato de amamentar, devendo ofertar momentos educativos, com o objetivo de facilitar essa prática logo no pós parto imediato permanecendo durante todo o processo da amamentação, gerando informações claras e precisas, por meio de uma assistência humanizada (Silva, *et al.*, 2017).

Conclusão: O câncer de mama trata-se de uma patologia altamente significativa, já que torna-se cada vez mais comum entre as mulheres, sendo o tipo de câncer que possui maior incidência e mortalidade. É unânime os benefícios da amamentação quanto à saúde da mulher, confirmando não só o menor risco de desenvolvimento de câncer de mama, como também a relação entre a duração da amamentação, proporcionando um efeito protetor contra o câncer. Sendo assim, torna-se evidente a importância dos profissionais de enfermagem em estimular e conscientizar as mulheres das vantagens da amamentação, tanto quanto aos benefícios para a criança como para a mãe, especialmente para proteção contra câncer de mama.

Referências

MEDEIROS, A; REZER, F. Importância da amamentação na prevenção do câncer de mama: ações do enfermeiro. **Revisajes**. Faculdade noroeste do Mato Grosso- Juína. v.6, n.10, p.1-14,dez/2023. Disponível em: <https://www.revista.ajes.edu.br/revistasnoroeste/index.php/revisajes/article/download/68/76>. Acesso em 10 set. 2024.

PALHETA, Q. A. F.; AGUIAR, M.F.R. Importância da assistência de enfermagem para promoção do aleitamento materno. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem REAEnf/EJNC**, Porto Velho/RO, v. 8, e5926. DOI: <https://doi.org/10.25248/REAenf.e5926.2021> Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/5926/3878> . Acesso em: 29 mar. 2024.

SILVA, D *et al.* Aleitamento materno: causas e consequências do desmame precoce. **Revista Unimontes científica**, v.19, n.2, jul/dez.2017. disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/download/1189/1227>. Acesso em 10 de maio 2024.

SOARES, J.C *et al.* Aleitamento materno na prevenção do câncer de mama: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Uningá**, v. 56, n S6, p.13-22, jul./set. 2019. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/1032/2079>. Acesso em: 13 de mar. 2024.

SOMBRA, I.C. N. **Semiologia de Enfermagem**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. E-book, cap 3. P 13. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/434165/1/E-book-Semiologia-de-Enfermagem.pdf>. Acesso em: 13 de mar. 2024.

ESPIRITUALIDADE X PACIENTES HOSPITALIZADOS: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS

Victória Beatriz Venancio Carrasco¹; Vanessa Malacrida de Moraes ²; Cariston Rodrigo Benichel ³;

¹ Discente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru - FIB
victoria.beatriz24@hotmail.com;

² Docente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru – FIB
vani.malacrida@gmail.com.br;

³ Docente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru – FIB
c.benichel@gmail.com

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Espiritualidade, Paciente-hospitalizado, Cuidado em saúde, Espiritualidade na saúde.

Introdução: A relação entre saúde e espiritualidade remonta aos tempos antigos, quando doenças eram frequentemente atribuídas a fatores religiosos. Somente no último século essa conexão passou a ser investigada cientificamente, mostrando o papel crucial da espiritualidade na promoção da saúde. Pesquisas recentes têm influenciado abordagens mais eficazes no cuidado de enfermagem. A espiritualidade é a busca pelo significado da vida e a conexão com o sagrado, indo além das práticas religiosas. Ela é uma dimensão humana que envolve reflexões sobre a existência, a origem e o propósito da vida. Suas manifestações variam, desde a contemplação da natureza até práticas como meditação e oração. A espiritualidade é uma experiência pessoal e subjetiva, variando de pessoa para pessoa. No contexto da saúde, é fundamental que os profissionais estejam abertos e sensíveis às necessidades espirituais dos pacientes. É importante respeitar suas crenças individuais e oferecer apoio devidamente adequado quando solicitado (Farinha *et al.*, 2018; Santos; Byk, 2019; Santos *et al.*, 2021; Viana *et al.*, 2019).

Objetivos: Mostrar como a espiritualidade representa importante fator nos pacientes hospitalizados.

Relevância do Estudo: O tema escolhido devido a necessidade de reconhecer a importância da espiritualidade como parte da identidade dos pacientes e ampliando as opções terapêuticas complementares refletimos em, não somente um ponto de vista rasamente clínico, mas também no cuidado holístico visando o bem-estar e assistência integral aos pacientes e aprimorando a qualidade dos cuidados de enfermagem e saúde.

Materiais e métodos: O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura, do tipo narrativa por meio de artigos científicos, publicações em revistas eletrônicas e trabalho de conclusão de curso.

Resultados e discussões: Não é incomum que a perspectiva espiritual e religiosa tenha um papel central e único na vida das pessoas, o que torna essencial o reconhecimento dessa dimensão no planejamento do cuidado oferecido aos pacientes. A espiritualidade, quando integrada ao cuidado, não só enriquece a assistência, como também se torna um indicador de qualidade dos serviços prestados, demonstrando a sensibilidade da equipe em atender às necessidades humanas de maneira ampla e inclusiva. Ao realizar a pesquisa pode-se encontrar informações que achados reforçam a relevância de se dar atenção a essa dimensão espiritual no ambiente de cuidados, a abordagem integral do cuidado exige que se leve em consideração não apenas os aspectos físicos da doença, mas também a multifatorialidade das condições que o paciente enfrenta, incluindo as circunstâncias emocionais, psicológicas e espirituais. Em contrapartida, deve-se entender como relevante o fator temporal, segundo

estudos, profissionais da enfermagem reconhecem, em suas análises, que o tempo limitado disponível para atender todas as demandas do cuidado pode criar restrições para que eles acompanhem adequadamente as necessidades espirituais e religiosas dos pacientes. A sobrecarga de tarefas diárias e a exigência de respostas rápidas às necessidades muitas vezes deixam pouco espaço para que o cuidado espiritual seja oferecido de maneira consistente e profunda (Santos *et al* 2021; Evangelista *et al.*, 2016).

Nesse contexto, pode-se ver a espiritualidade como um componente importante no processo de cuidar, contribuindo para uma assistência mais completa e humana. A integração dessa dimensão no planejamento do cuidado permite que a equipe ofereça um suporte mais abrangente, capaz de atender as necessidades dos pacientes de maneira holística, fortalecendo assim, o vínculo entre profissionais de saúde, pacientes e familiares, e promovendo uma abordagem mais eficaz e compassiva nos cuidados gerais (Araújo, 2015).

Conclusão: Com base nas pesquisas realizadas, conclui-se que a integração da espiritualidade nos cuidados paliativos e intensivos melhora a qualidade da assistência e fortalece o vínculo entre pacientes, familiares e profissionais de saúde. Ao tratar o paciente de forma holística e respeitar suas crenças, promove-se uma abordagem mais compassiva. Incluir o aspecto espiritual nos planos de cuidado é essencial para uma experiência mais humana e completa.

Referências

ARAÚJO, E. C. A espiritualidade nos cuidados de enfermagem ao paciente hospitalizado. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, Recife, v.9, 2015. DOI 10.5205/01012007. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/10737/11841>. Acesso em: 29 mar. 2024.

EVANGELISTA, C. B. *et al.* Espiritualidade no cuidar de pacientes em cuidados paliativos: Um estudo com enfermeiros. **Escola Anna Nery: Revista de Enfermagem**, João Pessoa-Recife, v.20, 2016. DOI 10.5935/1414-8145.20160023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/ZQMqTwC4mscSsHSmH9P3Yyc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 fev. 2024.

FARINHA, F. T. *et al.* Correlação entre espiritualidade, religiosidade e qualidade de vida em adolescentes. **Revista Bioética**, Brasília, v.26, n.4, p.567-573, dez/ 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/ybh5BgDzWGHpW3b3LHx3qf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SANTOS, P. M. *et al.* Suporte religioso e espiritual na concepção de enfermeiros e familiares de pacientes críticos: estudo transversal*. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, Brasília, v.55, e20200508, 2021. DOI 10.1590/1980-220X-REEUSP-2020-0508. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/F9p93NmFqQZywmKQgWZ593M/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024.

SANTOS, V. N.; BYK, J. Assistência espiritual/religiosa a pacientes hospitalizados: revisão narrativa. **Revista PSICOLOGIA, SAÚDE & DOENÇAS**, Manaus, v.20, 2019. DOI 10.15309/19psd200206. Disponível em: https://www.sp-ps.pt/downloads/download_jornal/642. Acesso em: 20 mar. 2024.

VIANA, A. C. G. *et al.* Espiritualidade, religiosidade e malformação congênita: uma revisão integrativa de literatura. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v.27, e38270, 2019. DOI 10.12957/reuerj.2019.40193. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/40193/30239>. Acesso em: 22 fev. 2024.

AS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS PELAS MULHERES NEGRAS NO PROCESSO DE GESTAR E PARIR

Jessica Martins Figueiredo Rosa¹; Vanessa Malacrida de Moraes²; Ana Kelly Kapp Poli Schneider³

¹Aluna do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru – jmartinsmp12@gmail.com;

²Docente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru -
vani.malacrida@gmail.com;

³Docente do curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru -
anakellypoli@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: gravidez; obstetrícia; parto; violência obstétrica; racismo.

Introdução: A violência contra a mulher, especialmente durante a gestação, é uma grave violação dos direitos humanos. A violência na gravidez inclui agressões físicas, sexuais e psicológicas, impactando negativamente a saúde materna e fetal (Silva, 2020). A violência obstétrica é praticada por profissionais de saúde quando há negligência e/ou violência psicológica, física e sexual, influenciada por fatores como raça e renda (Tesser, 2015). Com origem na escravidão, a violência contra as mulheres negras ultrapassou os séculos e, mesmo após a abolição, traz reflexos no tratamento dispensado a elas, afetando o acesso à saúde e aumentando a mortalidade materna entre mulheres negras. Esse público tem maior prevalência de partos pós-termo e menor acesso a cuidados adequados, refletindo discriminação racial (Leal et al., 2017). O estudo destaca a necessidade de combater a violência e o racismo para melhorar a saúde das mulheres negras e grávidas.

Objetivos: Apresentar os tipos de violências sofridas e seus danos para além do racismo velado, mostrando através da história, a influência da raça/cor.

Relevância do Estudo: Apontar as diferentes formas de violência sofridas pela mulher durante a gravidez e parto em virtude do gênero, especialmente a mulher negra, cujo risco é potencializado pelo racismo.

Materiais e métodos: A pesquisa foi conduzida através de uma revisão da literatura bibliográfica retrospectiva de artigos científicos com a abordagem narrativa, em bases de dados eletrônicas sobre a violência contra a mulher negra na gestação.

Resultados e discussões: Mulheres negras são 53,6% das vítimas de mortalidade materna, 65,9% das vítimas de violência obstétrica e 68,8% das mulheres mortas por agressão. Em 2013, houve uma queda de 9,8% no total de homicídios de mulheres brancas ao passo que os homicídios de mulheres negras aumentaram 54,2% (Carrijo e Martins, 2020). A falta de informação e baixa escolaridade não permite que mulheres tenham autonomia na gestação e no parto e isso aumenta o risco de vivenciar episódios de violência obstétrica, tirando delas a percepção total do seu corpo em todo o processo e danos psicológicos para o resto da sua vida (Zanardo, 2016). Desta forma, essas mulheres apresentam risco maior de um pré-natal impróprio, falta de acompanhante, baixa vinculação à maternidade, dificuldade em encontrar atendimento e menos anestesia local quando realizada episiotomia. Identificou-se entre estudantes e residentes de Medicina a crença de que pessoas negras suportariam mais a dor (Leal et al., 2017). Essa ideia acaba levando os profissionais a considerar que as mulheres negras seriam mais resistentes à dor e poderiam suportar por mais tempo o parto natural quando comparada com as mulheres não-negras. Isso também pode justificar o maior risco de intervenções dolorosas no parto vaginal, em detrimento de cesariana para esse público.

Para qualificar o Sistema Único de Saúde (SUS) no atendimento para mulheres negras gestantes e reduzir a mortalidade, o governo tem lançado políticas públicas e ações afirmativas destinado a esse público, embora haja um grande desafio de enfrentamento ao racismo estrutural da sociedade. Entre essas medidas estão a inserção do quesito raça/cor na declaração dos nascidos vivos e óbito, detecção precoce de doenças como anemia falciforme, através do rastreio do teste do pezinho na triagem neonatal e promoção de saúde as doenças prevalentes na população negra como diabetes e hipertensão (Conceição, 2023).

Conclusão: As mulheres negras e grávidas estão sob o risco de uma série de violações de direitos, sujeitas aos mais diversos tipos de violência, impactando não apenas a própria vida como também a sociedade. A baixa escolaridade e renda agravam a situação dessas mulheres, que não encontram amparo na família, na rede de saúde ou do Estado. E embora haja avanços na legislação e nas políticas públicas, ainda há um longo caminho a ser trilhado, que passa pela adoção práticas mais humanizadas na formação dos profissionais de saúde e a sua efetiva implementação.

Referências

CARRIJO, C.; MARTINS, P. A. A violência doméstica e racismo contra mulheres negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 2, p. e60721, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/JK8t85xSSKbjtwkJzxpqtq>. Acesso em 31 ago. 2024.

CONCEIÇÃO, M. da. **Acessibilidade de mulheres negras nos serviços de saúde e uma perspectiva em bioética da proteção: um estudo de revisão integrativa**. 2023. 80 f. Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Programa de Pós-graduação, em regime de associação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense e da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/20518>. Acesso em: 31 ago. 2024.

LEAL, M. DO C. *et al.* A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, p. 5, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQHb7H/?lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SILVA, R. DE P.; LEITE, F. M. C. Violências por parceiro íntimo na gestação: prevalências e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, p. 97, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/179803>. Acesso em: 26 maio 2024.

TESSER, C. D.; KNOBEL, R.; ANDREZZO, H. F. de A.; DINIZ, S. G. Violência obstétrica e prevenção quaternária: o que é e o que fazer. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 35, p. 1–12, 2015. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1013>. Acesso em: 31 ago. 2024.

ZANARDO, G. L. DE P. *et al.* Violência Obstétrica no Brasil: Uma revisão Narrativa. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, p. e155043, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/J7CMV7LK79LJTnX9gFyWHNN/?lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2024.

A QUALIDADE DE VIDA DE INSULINODEPENDENTES PORTADORES DE DISPOSITIVO DE INFUSÃO CONTÍNUA

Gabriela Ananda Fazon¹; Flávio Ademilson Corradini Júnior²; Josiane Estela de Oliveira Prado³.

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - gabrielaanandafazon@gmail.com;

²Professor do curso de Enfermagem - Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
prof.flavioc@hotmail.com;

³Professora do curso de Enfermagem - Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
josiac@fibbauru.br.

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Diabetes; Qualidade de vida; Insulina, Insulinodependente; Bomba de infusão.

Introdução: Na era Cristã foi incumbido o nome “diabetes”, por Arateus, médico da Grécia antiga, que norteou o nome diabetes de acordo com as descrições caracterizadas por um transtorno urinário que é comumente nos estudos até nos dias atuais. Diante disto entende-se que o pâncreas, órgão que atua em conjunto com o sistema endócrino para regulação do metabolismo e se associa com o sistema exócrino que é responsável por secretar e sintetizar a insulina humana, por sua vez, na sua falha desse órgão denomina-se um dos tipos de diagnósticos de diabetes necessitando de terapias adjuvantes para manutenção da vida do afetado (Cobas *et al.*, 2015; Costa; Moreira, 2021).

Objetivos: O estudo trouxe como objetivo demonstrar a qualidade de vida dos usuários insulinodependentes com bomba de infusão contínua paralelo aos que utilizam múltiplas aplicações de insulina, assim como, trazer visibilidade aos diabéticos destacando as necessidades ao tratamento.

Relevância do Estudo: Por se tratar de um assunto de saúde pública, envolvendo desde os exames diagnósticos que são realizados, até o tratamento individual do paciente, entende-se a necessidade de abordar a temática diabetes mellitus em âmbito global, compreender a importância sobre a doença, visto que atualmente são inúmeros diabéticos no cenário mundial, portanto, se torna importância uma atenção maior com as pesquisas para que se tenha mais visibilidade e conhecimento sobre os tratamentos e os diferentes sub tipos da doença.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão de literatura do tipo narrativa com textos publicados entre 2014 à 2024, com estratégia de busca em bases de dados eletrônicas como Google Acadêmico, SCIELO, LILACS e PUBMED. Os critérios de inclusão foram: publicados dentro do período de 10 anos, no idioma português e inglês e que agregavam valor ao estudo (FCA, 2015).

Resultados e discussões: O diabetes mellitus é a doença crônica não transmissível e mais prevalente globalmente, com mais de 463 milhões de adultos afetados, conforme dados da Sociedade Brasileira de Diabetes. Desse total, cerca de 50% desconhecem que têm a condição. Pesquisas recentes indicam que, até 2045, o número de pessoas com diabetes pode chegar a aproximadamente 700 milhões, reforçando o caráter global e crescente desse desafio de saúde pública. O Brasil ocupa a quinta posição entre os países com o maior número de adultos diabéticos, na faixa etária de 20 a 79 anos. A eficácia do tratamento está diretamente ligada ao tempo de uso dos medicamentos, a prática e a educação permanente do paciente dirigida por um bom profissional. Em comparação entre a terapia com bomba de

insulina contínua e a insulino terapia tradicional revela diferenças significativas em termos de controle glicêmico e custos econômicos. Estudos indicam que, embora o Sistema de Infusão Contínua de Insulina seja associada a uma melhora no controle glicêmico e na qualidade de vida dos pacientes, também envolvem custos iniciais mais altos em comparação com a insulino terapia tradicional, como um dos resultados, esses pacientes tendem a seguir mais rigorosamente as orientações da equipe de saúde em relação ao tratamento quando se tem um tratamento em conjunto com as equipes de saúde e família (SBD, 2016; Alvarenga, 2021).

Conclusão: Conclui-se que a diabetes mellitus é uma doença crônica que afeta milhões de pessoas e atualmente vem gerando um impacto expressivo na saúde pública no Brasil. Desde o histórico da doença e com a evolução dos estudos e pesquisas para o tratamento e a qualidade de vida desses pacientes o ponto crucial foi a descoberta da insulina, o que gerou um controle glicêmico significativo para vida dessas pessoas e com isso uma qualidade de vida muito maior quando tratada em conjunto com as equipes de saúde.

Referências

ALVARENGA, C.S. **Uso do sistema de infusão contínua de insulina em crianças e adolescentes com diabetes mellitus tipo 1:** revisão de mapeamento sistemático. 2021. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em Saúde Pública). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2021. DOI: 10.11606/D.22.2021.tde-14122021-173701. Acesso em: 10 mar. 2024.

COBAS, R. *et al.* Diabetes: recordando uma história. **Revista.hupe.uerj.br**, v. 14, n. 4, p. 34-36, out-dez, 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistahupe/article/view/20069/23179>>. Acesso em: 14 mar. 2024.

COSTA, B. B; MOREIRA, T. A. **Main pathophysiological and clinical aspects present in type I Diabetes mellitus (autoimmune).** Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 14, p. e153101421773, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.21773. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/21773>>. Acesso em: 10 de abril. 2024.

FCA. Faculdades de ciências agrônômicas. Tipos de revisão de literatura. Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos. UNESP Campus de Botucatu. Botucatu, 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 09 maio 2024.

SBD. Sociedade Brasileira de Diabetes. Diretrizes da Sociedade Brasileira de Diabetes. **Gerenciamento Eletrônico do Diabetes/ Uso da tecnologia para Melhor Controle Metabólico do Diabetes.** São Paulo, 2016: AC Farmacêutica. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2494325/mod_resource/content/2/DIRETRIZES-SBD-2015-2016.pdf. Acesso em: 05 ago. 2024.

SAÚDE MENTAL NA ENFERMAGEM EM VISTA DA ANSIEDADE E DEPRESSÃO

Gabriela dos Santos Valadao¹; Flávio Ademilson Corradini Junior²; Julio Cesar Aparecido Gomes³.

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB valadaogabih@gmail.com;

²Professor do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
prof.flavioc@hotmail.com;

³ Professor do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
julio.gomes@unesp.br.

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Enfermagem; Saúde Mental; Depressão; Ansiedade.

Introdução: O profissional de enfermagem tem a responsabilidade de promover, prevenir e reabilitar a saúde, respeitando normas éticas e legais, e trabalhando para atender às necessidades da população. O Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) regula e fiscaliza a prática profissional, assegurando a qualidade do atendimento. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, uma definição que, embora inovadora, é criticada por ser irrealista. Atualmente, cerca de 450 milhões de pessoas sofrem de problemas de saúde mental, com o Brasil apresentando a maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo. A ansiedade pode ser normal ou patológica, enquanto a depressão se caracteriza por tristeza persistente e falta de interesse. Ambas as condições afetam significativamente a qualidade de vida. Estudos sobre a depressão incluem teorias sobre neurotransmissores e fatores imunológicos, sugerindo que citocinas podem influenciar os sintomas. Existem diversos tipos de transtornos de ansiedade, como o transtorno de ansiedade generalizada e a síndrome do pânico. Apesar da eficácia dos tratamentos, muitos indivíduos não buscam a ajuda necessária, prejudicando seu bem-estar e entre esses indivíduos encontra-se os profissionais de enfermagem (Cofen, 2021; Andrade, 2020).

Objetivos: Esse estudo tem como objetivo descrever e analisar a equipe de enfermagem e entender como ocorre o desenvolvimento da ansiedade e depressão nessa categoria.

Relevância do Estudo: A relevância deste estudo está na necessidade de uma revisão atualizada sobre os transtornos psíquicos e como eles podem afetar a qualidade de vida humana, o estudo em questão, destinou-se a entender e avaliar questões como qualidade de vida, ansiedade e depressão dentro da equipe de enfermagem, o que levou ao desenvolvimento do trabalho.

Materiais e métodos: O presente estudo foi realizado através da revisão de literatura do tipo narrativa, foram pesquisados pela estratégia de busca em bases de dados eletrônicas, Google Acadêmico, SCIELO (Scientific Electronic Library Online), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e PUBMED. Como critério de inclusão foram selecionados trabalhos que contemplavam o tema saúde mental na enfermagem em vista da ansiedade e depressão, publicados dentro do período de 10 anos de 2014 à 2024, no idioma português, excluindo os de línguas estrangeiras e os que não atendiam o objetivo do trabalho, dispondo do conteúdo na íntegra.

Resultados e discussões: De acordo com o referencial da pesquisa, identifica-se que os transtornos nos profissionais da saúde, em sua maioria, implicam-se em muitas das vezes, na comunicação, convívio social e desenvolvimento desses profissionais em seus ambientes de trabalho. Ao correlacionar os dados, entende-se que a saúde mental atinge uma significância de 30,5% dos profissionais descritos nas pesquisas de modo geral. Foi identificado o desenvolvimento de algum tipo de diagnóstico de transtorno mental em uma

análise dentro de um ano, correspondendo à 39,6% dos casos se demonstraram aos sintomas de ansiedade moderada a severo, já em comparação e em menor percentual, destacam os sintomas de depressão moderada e severa com 38%, e com maior relevância, há também a presença de sintomas da Síndrome de Burnout com 62,4% dos profissionais. Os estudos analisam as características clínicas dos transtornos de ansiedade, enfatizando a evolução das classificações diagnósticas. Em suma os resultados reforçam a importância do papel do profissional de enfermagem na promoção, prevenção e reabilitação dos processos de saúde, alinhando-se às diretrizes éticas e legais estabelecidas pelo Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). Portanto, é evidente que a saúde mental dos profissionais de enfermagem deve ser uma prioridade dentro das políticas de saúde pública. Além disso, é fundamental que as instituições de saúde implementem estratégias que abordem a complexidade dos transtornos mentais e criem ambientes de trabalhos que favoreçam a saúde e o bem-estar dos profissionais (Abelha, 2014; Pereira, Vilela, 2015; Souza, 2022).

Conclusão: O estudo destaca a importância da saúde mental dos profissionais de enfermagem, ressaltando que deve ser uma prioridade nas instituições de saúde. Propõe-se a implementação de programas de apoio psicológico e estratégias de prevenção para criar um ambiente de trabalho saudável, ajudando a reduzir a ansiedade e a depressão, além de um alarmante aumento de diagnósticos de Burnout. Gestores de saúde devem desenvolver políticas que equilibrem as demandas profissionais e o bem-estar pessoal, promovendo descansos adequados para o convívio familiar, se tornando um fator essencial na vida do profissional de enfermagem.

Referências

ANDRADE, P. M.. **Depressão: um novo olhar sobre a dor e a emoção**. BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia, v. 16, n. 10, p. 1-9, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Gabi/Downloads/pifps,+DISSERTACAO_PATRICIA+final2\[30.08.17\].pdf](file:///C:/Users/Gabi/Downloads/pifps,+DISSERTACAO_PATRICIA+final2[30.08.17].pdf). Acesso em: 10 jun. 2024.

ABELHA, L. **Depressão, uma questão de saúde pública**. Cadernos Saúde Coletiva, v. 22, n. 3, p. 223-223, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/BLrBJNVsYBZrMk9d3wYXcCw/#>. Acesso em: 22 mar. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (Cofen). **Comissão aprova atendimento psicológico gratuito a profissionais de Enfermagem do sistema público**. Comissão aprova atendimento psicológico gratuito a profissionais de Enfermagem do sistema público. Resolução Cofen Nº 678/2021. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/comissao-aprova-atendimentopsicologicograticoaprofissionaisdeenfermagemdossistemablico/#:~:text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Sa%C3%BAde%20da,%C3%A0%20privacidade%20e%20a%20confidencialidade>. Acesso em: 19 out. 2024.

PEREIRA, L. G. G.; VILELA, L. R. **Depressão, o mal do século XXI: possíveis diagnósticos e tratamentos**. 2015. 28 f. TCC (Especialização em Farmacologia) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-A3YF3Z/1/lucelia_tcc.pdf. Acesso em: 05 de set. 2024.

SOUZA, A. S. A. **Fobia social: O Tratamento com base na terapia cognitivo comportamental**. Faculdade. Ipatinga. Pitagoras. 2022. Disponível em https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/58121/1/ANA_SARAH_AMORIM_DE_SOUZA.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

TOXICIDADES EM PACIENTES SUBMETIDOS A QUIMIOTERAPIA E RADIOTERAPIA

Anny Gabrielly Dias de Souza Santos¹; Cariston Rodrigo Benichel²; Julio Cesar Aparecido Gomes³.

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – annygabriellyfju@gmail.com;

²Professor de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – c.benichel@gmail.com;

³Professor de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – julio.samu@hotmail.com.

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: quimioterapia, radioterapia, efeitos adversos, episódio agudo, toxicidade.

Introdução: O câncer é a segunda principal causa de morte no Brasil, ao passo que a quimioterapia e a radioterapia são os principais tratamentos contra a doença. Embora essenciais, essas terapias podem provocar efeitos adversos graves que afetam a qualidade de vida do paciente, necessitando de ajustes e monitoramento contínuos. Estudos recentes destacam a variabilidade desses efeitos, os quais são influenciados por fatores como idade, protocolo adotado e características do tumor (Soares; Sueli, 2010). Neste sentido e frente aos inúmeros riscos de complicações e toxicidades, têm-se no papel do enfermeiro ação crucial durante o processo assistencial, no que cerne a atuação conjunta com equipe multidisciplinar para o controle de sintomas e mitigação das repercussões passíveis de serem manejadas. Para isso, o conhecimento acerca dos principais impactos colaterais da quimioterapia e radioterapia representa elemento que subsidia a prática de cuidados especializados (Sugimoto *et al.*, 2016).

Objetivos: realizar revisão de literatura acerca das reações adversas, toxicidades e demais complicações tardias e agudas relacionadas à radioterapia e quimioterapia.

Relevância do Estudo: A relevância deste estudo está firmada no intuito de se elucidar como o conhecimento dessas complicações pode melhorar a identificação dos desafios enfrentados pelos pacientes durante e após o tratamento do câncer. A partir dessa compreensão, é possível otimizar o manejo e o acompanhamento oncológico, implementando medidas preventivas e terapêuticas que reduzam o impacto colateral dessas terapias.

Materiais e métodos: Tratou-se de revisão de literatura, fundamentada nos descritores “quimioterapia”, “radioterapia”, “efeitos adversos”, “episódio agudo” e “toxicidade”. A pesquisa foi conduzida nas bases de dados do Google Acadêmico, SciELO e plataforma do Manual de Oncologia Clínica, sendo incluídas produções científicas em qualquer formato e no idioma português. Foram excluídas àquelas com texto indisponível na íntegra, acesso restrito ou não gratuito, duplicidades e as adversas ao escopo temático desta pesquisa, bem como relacionados à outras terapias antineoplásicas além da quimioterapia e radioterapia. A síntese do conteúdo foi construída em modo narrativo-discursivo, sendo selecionadas cinco referências para a composição deste resumo expandido.

Resultados e discussões: A quimioterapia e a radioterapia são duas das principais abordagens no tratamento do câncer, ambas com o objetivo de eliminar células neoplásicas, operando por mecanismos distintos e complementares. A radioterapia utiliza radiação ionizante para induzir danos no DNA das células tumorais, resultando em morte celular irreversível. Essa radiação pode ser aplicada externamente, através de feixes direcionados, ou internamente, via braquiterapia, dependendo da localização e do tamanho do tumor. Durante o tratamento, a radiação de alta energia provoca a formação de radicais livres, que danificam o DNA e interferem na capacidade de divisão celular. Uma vez aplicada, a radiação pode comprometer os vasos sanguíneos que irrigam o tumor, reduzindo a oferta de oxigênio e nutrientes essenciais para o crescimento dele (Baskar *et al.*, 2012). Já a quimioterapia

envolve o uso de agentes químicos para destruir células tumorais. No entanto, esses medicamentos também podem afetar células saudáveis, resultando em efeitos adversos agudos que podem se manifestar durante ou logo após o tratamento. Assim, o tratamento do câncer frequentemente requer uma abordagem holística e integrada para gerenciar as complicações associadas a ambas as modalidades terapêuticas. Dentre os principais efeitos adversos agudos e tardios da radioterapia, podem ser citados as radiodermites, mucosites, síndrome de má absorção e osteoradionecrose. Quanto à quimioterapia, temos as náuseas, alergias, parestesia, alopecia, neuropatias periféricas, mielotoxicidades, nefrotoxicidades e cardiotoxicidades (MOC, 2021). A atuação de uma equipe multidisciplinar é fundamental nesse contexto, proporcionando cuidados abrangentes e personalizados. O enfermeiro, em particular, desempenha papel essencial no acompanhamento dos pacientes, sendo responsável por prover intervenções que converjam para um melhor prognóstico e qualidade de vida para os pacientes (Sganaolin *et al.*, 2021).

Conclusão: Evidenciou-se que a quimioterapia e a radioterapia são tratamentos fundamentais no combate ao câncer, proporcionando benefícios significativos aos pacientes. No entanto, também é importante reconhecer que essas modalidades terapêuticas podem acarretar uma série de complicações agudas e tardias que podem afetar a qualidade de vida dos sobreviventes de câncer. É crucial que os profissionais de saúde estejam cientes dessas complicações e implementem medidas preventivas e de tratamento para melhorar o prognóstico e a qualidade de vida dos pacientes. Além disso, uma abordagem multidisciplinar, envolvendo oncologistas, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas e outros profissionais de saúde, é essencial para fornecer cuidados abrangentes e personalizados, abordando não apenas as complicações físicas, mas também os aspectos emocionais e psicossociais.

Referências

BASKAR, R. *et al.* Câncer e radioterapia: avanços atuais e direções futuras. **Inter. J. Med. Sci.**, v. 9, n. 3, p. 193, fev. 2012. DOI:10.7150/ijms.3635. Disponível em: <https://i1nq.com/49Afh>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MANUAL DE ONCOLOGIA CLÍNICA – MOC. **Manejo de toxicidades** [internet], 2021. Disponível em: <https://mocbrasil.com/moc-manejo-toxicidades/>. Acesso em: 11 set. 2024.

SGANAOLIN, V. *et al.* Implicações da avaliação geriátrica ampla na qualidade de vida em pessoas idosas com câncer: uma revisão integrativa. **Rev. Bras. Ger. Gerontol.**, Rio de Janeiro v. 24, n. 1, abr. 2021. DOI:doi.10.1590/1981-22562021024.200297. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/ChtG7pxVcvHjcNXn6s5HghS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 set. 2024.

SOARES, E. M.; SUELI, R. S. Perfil de pacientes com câncer ginecológico em tratamento quimioterápico. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 63, n. 4, p. 517-522, set. out. 2010. DOI:10.1590/S0034-71672010000400003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/kMg5HQGPw9Wnh7dB5VcdwdM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SUGUIMOTO, J. C. P. *et al.* Elaboração da triagem pré-quimioterapia por profissionais de enfermagem. **Sínteses: Rev. Eletr. SimTec**, Campinas, SP, n. 6, p. 143-143, 2016. DOI:10.20396/sinteses.v0i6.8541. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/simtec/article/view/8541/4335>. Acesso em: 15 abr. 2024.

QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES ONCOLÓGICOS PALIATIVOS

Beatriz Amélia Fernandes Caires¹; Josiane Estela de Oliveira Prado²; Lídia Regina Costalino Cabello³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – beatrizcaires001@gmail.com ;

²Josiane Estela de Oliveira Prado – Faculdades Integradas de Bauru – FIB josituca66@gmail.com ;

³Lídia Regina Costalino Cabello – Faculdades Integradas de Bauru- FIB
lidiaeginacabello@hotmail.com;

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Oncologia, Câncer, Qualidade de vida, Paliativo, Cuidados de enfermagem

Introdução: A qualidade de vida ela está relacionada a uma percepção subjetiva, onde irá incluir fatores de objetividade sendo índice econômico e social ou mesmo presença de doença aumentada quando oferece ao paciente um apoio psicológico que compreenda sua integridade (Barros, 2013). Em um contexto geral ela tem como, objetivo alcançar expectativas sobre a sua satisfação da pessoa com a vida (Freire *et al.*, 2018). Porém quando ocorre o avanço do câncer, não havendo possibilidade de cura terapêutica, sabe que vários fatores podem comprometer a qualidade de vida, sendo quando a pessoa recebe o diagnóstico até os efeitos colaterais da terapia realidade ao longo de seu tratamento (Silva *et al.*, 2020).

Objetivos: O trabalho em questão teve como objetivo estimar a qualidade de vida em pacientes oncológicos sob cuidados paliativos.

Relevância do Estudo: Os cuidados paliativos visam garantir que o paciente com câncer ele possa viver o tempo que lhe resta, onde irá englobar o controle da dor, apoio social, lembrando para que ele possa ter o máximo possível de alívio, enquanto sobrevive. Os cuidados paliativos são importantes para promover uma visão compreensiva e holística aos pacientes com doenças terminais e seus familiares.

Materiais e métodos: Este estudo compreende em uma revisão de literatura do tipo narrativa, onde esta revisão de literatura busca, a facilidade de pesquisar e interpretar, pois seu estudo ele não busca um aprimoramento em estudo. Sendo que o autor ele fica livre em poder, mudar e transcrever as coisas da forma que ele pesquisa. Ela não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. Onde a mesma é adequada para fundamentação teórica de artigos, dissertação, teses e trabalhos de conclusão de curso. A sua seleção dos estudos e sua interpretação das informações podem ser mudadas pelo autor (FCA, 2015). Neste estudo foi pesquisado artigos científicos em revistas eletrônicas, e-book e sites oficiais, no período de março a setembro de 2024.

As pesquisas foram exploradas através das bases eletrônicas, Biblioteca virtual Unesp, Biblioteca virtual de saúde (BVS), PubMed, Google acadêmico, SciELO e e-book tratado de oncologia.

Resultados e discussões: Quando nos referimos a pacientes oncológicos automaticamente associamos como uma doença de fim de vida. Encontramos no cuidado paliativo, a medida de conforto para este paciente na ocasião em que se refere “ paciente paliativo” instantaneamente passa em nossa mente, que estamos cuidando de um paciente acamado, nos seus últimos dias de vida, porém esta realidade não procede. Devemos lembrar que cuidado paliativo, vão muito além, sempre lembrar que cuidado e bem-estar do paciente devem sempre estar em primeiro lugar, junto com atenção a família onde precisara de todo suporte para conviver com a situação. De acordo com Silva *et al.* (2020); Freire *et al.* (2018) a qualidade de vida é considerada em várias dimensões, sendo fatores sociodemográfico e

clínico que mais interferem na manutenção da qualidade de vida. Existindo uma comparação entre sua característica, como os custos e a qualidade de vida de pacientes com câncer em cuidados paliativos. Ocorrendo a perda funcional em pacientes em cuidados paliativos, refletindo em vários aspectos de sua vida, sendo assim dificuldade para desempenhar tarefas do cotidiano favorecendo o desenvolvimento de alterações psicológicas, devido ao paciente achar que ele pode ser um fardo para família ou ao cuidador (Freire *et al.* 2018). Entender que a melhor forma de organizar um plano de cuidados é adequar o tratamento às reais necessidades do paciente. Também entende que as discussões entre os profissionais, antes das tomadas de decisão consigam um resultado mais adequado, contemplando as reais necessidades do paciente (Picollo; Fachini, 2018).

Conclusão: Onde o presente estudo ele trouxe uma oportunidade de abranger conhecimento de uma forma mais aprofundada nos cuidados paliativos, sendo a sua origem o princípio com pontos positivos e negativos nesta linha de cuidado. Onde a pesquisa ela presta atenção a um melhor cuidado com o paciente, ofertando a qualidade de vida tanto do paciente e junto a sua família. Devendo lembrar que o papel do enfermeiro é primordial na relação do cuidado. Pois a sua visão holística e o vínculo com o doente e a família para prestar cuidado com a dor e uma medida de conforto.

Referências

BARROS, M.C.M. O Acompanhamento psicológico de pacientes com câncer. In: HOFF, P.M.G. e associados. **Tratado de Oncologia**, São Paulo, Editora Atheneu, 2013, p.1387- 1401.

FCA. Faculdades de ciências agrônômicas. Tipos de revisão de literatura. **Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos**. UNESP Campus de Botucatu. Botucatu, 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf> Acesso em: 09 mai. 2024

FREIRE, M.E.M. *et al.* Qualidade de vida relacionada a saúde de pacientes com câncer em cuidados paliativos. **Texto Contexto de Enfermagem**, Manairá, João Pessoa/PB, v. 27, n.2: e5420016, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-070720180005420016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/br6jYdcz5C5r8kVkcprfPG/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 07 mar.2024.

PICOLLO, D. P., FACHINI, M. A atenção do enfermeiro ao paciente em cuidado paliativo. *Rev.Ciênc Med, Campinas*, v. 27, n. 2, p. 85-92, dez, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0897v27n2a3855>

Disponível em: Vista do A atenção do enfermeiro ao paciente em cuidado paliativo (puc-campinas.edu.br). Acesso em: 18 set. 2024.

SILVA, I.B.S. *et al.* Avaliação da qualidade de vida de pacientes oncológicos em cuidados paliativos. **Revista Brasileira de Cancerologia**, n.66, v.3: e-1211222, 2020. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2020v66n3.1122> . Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/1122/691>. Acesso em: 07 mar. 2024.

O MANEJO DA DOR EM PACIENTES SOB CUIDADOS PALIATIVOS E A CONTRIBUIÇÃO DO ENFERMEIRO

Brenda Caroline Chiqueto Tofalini¹; Andréia Caron²; Adriana Aparecida Baraldi Gaion³.

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – bccaroline9@gmail.com;

²Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – andreiacaron@hotmail.com;

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – adrianabaraldig@gmail.com.

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Cuidados Paliativos, Assistência de Enfermagem, Controle da dor, Enfermeiro.

Introdução: Segundo Brasil (2023) cuidados paliativos referem-se aos cuidados de saúde ativos e integrais que são prestadas as pessoas com doenças graves, progressivas e que ameacem a continuidade da vida. Seu principal objetivo é proporcionar uma melhor qualidade de vida ao paciente e seus familiares, por meio da prevenção e do alívio do sofrimento, identificando de forma precoce as possíveis situações a serem tratadas, avaliação minuciosa e cuidadosa do tratamento da dor e de outros sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais. Para Mello *et al.* (2019) a avaliação da dor é fundamental para definir o tratamento mais adequado, a intensidade da dor é o critério mais utilizado na prática clínica, sendo determinada através de aspectos sensoriais, emocionais e cognitivos que estão envolvidos na experiência dolorosa.

Objetivos: O presente estudo tem o objetivo de descrever o impacto da assistência de enfermagem no manejo da dor no paciente em cuidados paliativos, descrevendo o impacto dessas ações nos pacientes e familiares, demonstrando as questões que o cuidado paliativo abrange e refletir os resultados dessa atuação na evolução do prognóstico do paciente.

Relevância do Estudo: Tem-se como fonte propulsora para a realização deste trabalho a necessidade de esclarecer e desmistificar as questões que envolvem o controle da dor no cuidado paliativo, além de contribuir para a disseminação do conhecimento nesse assunto.

Materiais e métodos: O presente estudo se trata de uma revisão da literatura do tipo narrativa. A pesquisa foi realizada através das bases de dados eletrônicas: Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico. Para o critério de inclusão, considerou-se os artigos que contemplavam o tema manejo da dor e cuidados paliativos, publicados de 2014 a 2024, no idioma português.

Resultados e discussões: Segundo Valério *et al.* (2019) a equipe de enfermagem, em especial o enfermeiro, assim como outros profissionais de saúde, tem um papel importante na assistência aos pacientes com dor, devido ao contato constante com eles. Através disso, o enfermeiro pode direcionar a assistência de enfermagem de maneira mais assertiva nas necessidades do paciente e identificar as melhores formas de controle da dor. Para Viana *et al.* (2023) o manejo da dor em cuidados paliativos envolve abordagens farmacológicas e não farmacológicas. Os medicamentos mais utilizados na dor crônica e intensa são os opioides (morfina, fentanil e metadona). As doses podem variar de acordo com a gravidade da dor, sendo necessário o tratamento individualizado e acompanhado regularmente, para garantir a eficácia e diminuir possíveis efeitos colaterais. Segundo Silva *et al.* (2020) as intervenções não farmacológicas são muito eficazes na prevenção e diminuição da dor, além de ter baixo risco ao paciente e baixo custo operacional. Alguns exemplos de medidas não farmacológicas

são: mudança de decúbito, posicionamento adequado no leito, mínimo de manipulação possível do paciente, iluminação adequada, ambiente livre de ruídos, promover conforto, fortalecer vínculo paciente/profissional/família. Para Gonçalves, Souza e Amaral (2016) a família representa a célula de identidade do ser humano, pois conhece e compreende as necessidades, desejos e angústias que não são expressadas pelo enfermo. O paciente, sua doença e sua família estão no centro do cuidado paliativo, e eles precisam de assistência durante todo o processo de doença e luto.

Conclusão: O cuidado paliativo por si só é uma experiência muito delicada e complexa para o paciente e família, portanto, o manejo da dor adequado é fundamental aos pacientes em cuidados paliativos que passam por experiências dolorosas, ajudando a tornar a experiência mais tranquila ao paciente e menos traumática a seus familiares. Por fim, esse é um assunto que requer atualização e discussão constante, afim de encontrar novas alternativas que sejam melhores e mais eficientes, proporcionando um cuidado muito mais humanizado e um melhor enfrentamento nessa fase final da vida.

Referências

BRASIL. Instituto Nacional do Câncer. Ministério da Saúde. **Cuidados Paliativos**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tratamento/cuidados-paliativos>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MELLO, B. S. *et al.* Resultados de enfermagem para avaliação da dor de pacientes em cuidado paliativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.L.], v. 72, n. 1, p. 64-72, fev. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0307>. Disponível em: <https://www.scielo.br/rj/reben/a/GkBrSZFDHBhGJRT9b9ztYQN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2024.

VALÉRIO, A. F. *et al.* Dificuldades enfrentadas pela enfermagem na aplicabilidade da dor como quinto sinal vital e os mecanismos/ações adotados: revisão integrativa. **Brazilian Journal Of Pain**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 67-71, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2595-0118.20190013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/rj/brjp/a/mL8pHvWtSdSTBCB7LgdXJwR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2024.

VIANA, V. V. P. *et al.* Importância do manejo adequado da dor para pacientes em cuidados paliativos. **Brazilian Journal Of Health Review**, [S.L.], v. 6, n. 3, p. 10813-10824, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv6n3-190>. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/60133/43457>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SILVA, W. B. H. *et al.* Intervenções não farmacológicas no manejo da dor do paciente adulto em terapia intensiva. **Saúde Coletiva (Barueri)**, [S.L.], v. 9, n. 51, p. 1926-1932, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.36489/saudecoletiva.2019v9i51p1926-1932>. Disponível em: <https://revistasaudecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/178>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GONÇALVES, D. V.; SOUZA, L. C. B. M.; AMARAL, J. B. **Manejo da dor em pacientes sob palição na unidade de terapia intensiva adulto**. 2016. 17 f. Monografia (Especialização) - Curso de Enfermagem em Terapia Intensiva e Alta Complexidade, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Bahia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bahiana.edu.br:8443/jspui/handle/bahiana/750>. Acesso em: 12 set. 2024.

AVALIAÇÃO DA INCIDÊNCIA DAS PATOLOGIAS RESPIRATÓRIAS QUE ACOMETEM A POPULAÇÃO INFANTIL EM UNIDADES PEDIÁTRICAS

Erickson Santos¹; Julio Cesar Aparecido Gomes²; Josiane Estela de Oliveira Prado³

¹Aluno de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
ericksonsantosdonascimento@gmail.com

²Docente do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
julio.gomes@unesp.com

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
josituca66@gmail.com

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Doenças Respiratórias; Mortalidade da Criança; Incidência; Prevalência.

Introdução: As patologias respiratórias representam um desafio significativo para a saúde pública no Brasil, especialmente quando se trata da população infantil. O sistema respiratório em desenvolvimento das crianças as torna particularmente suscetíveis a uma variedade de condições que afetam a respiração e a saúde pulmonar. Isto é impulsionado por uma combinação de fatores, incluindo o sistema imunológico em desenvolvimento, exposição a vírus e bactérias, práticas de amamentação e condições socioeconômicas. Compreender esses elementos são essenciais para abordar eficazmente a prevenção e o tratamento dessas condições na vida dessas crianças (Rodrigues *et al.*, 2022). As doenças do trato respiratório são frequentes razões para a procura de atendimento na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) no Brasil, especialmente entre as crianças. Essas enfermidades são uma das principais causas de atendimento de emergência, especialmente entre os menores de 12 anos de idade (Bungart *et al.*, 2015)

Objetivos: Avaliar a incidência das patologias respiratórias na população infantil, abordando a prevalência, fatores de risco e impactos socioeconômicos.

Relevância do Estudo: A relevância deste estudo reside no fato de que as patologias respiratórias são uma das principais causas de morbidade e internacionalização na população infantil, afetando diretamente a qualidade de vida das crianças e sobrecarregando os serviços de saúde pediátricos. São diversos os fatores negativos para o desenvolvimento dessas doenças, sendo a **poluição do ar**, o **fumo passivo** e as **condições socioeconômicas** desfavoráveis especialmente preocupantes. Assim, investigar a incidência dessas patologias, associadas a fatores ambientais e socioeconômicos, é fundamental para promover melhorias na saúde pública, garantindo maior equidade no acesso aos cuidados e uma melhor qualidade de vida para a população infantil.

Materiais e métodos: A presente pesquisa consiste para em uma revisão de literatura do tipo narrativa, explorando a incidência de patologias respiratórias em crianças atendidas em unidades pediátricas. Essa revisão foi desenvolvida em um estudo aprofundado da literatura permitindo discussões baseados em determinados temas. O estudo foi estruturado utilizando como descritores: Doenças Respiratórias, Mortalidade da Criança, Incidência e Prevalência, a partir dos periódicos disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVS). Como os critérios de inclusão foram selecionados artigos com textos completos e datados entre 2014 a 2024 e em língua portuguesa e inglês. Para a exclusão de artigos os artigos que não tivessem conteúdos relacionados a incidência, prevalência, fatores de risco ou desfechos clínicos das patologias respiratórias foram excluídos.

Resultados e discussões: De acordo com estudos Santos *et al.* (2020) a Organização Mundial de Saúde, as afecções respiratórias exercem grande impacto sobre a saúde da população, perfazendo 8% do total de mortes em países desenvolvidos e 5% nos países em desenvolvimento, com destaque para as pneumonias que respondem por 20 a 40% das hospitalizações em crianças nos países em desenvolvimento. No que se refere à poluição do ar, Moraes *et al.* (2019) verificou que as altas concentrações do poluente MP10 na atmosfera contribuem para o aumento do RR (Risco Relativo). Quando as concentrações de MP10 são elevadas, seus efeitos são sentidos pelo corpo humano de uma maneira mais imediata, afetando a função pulmonar, aumentando as crises de asma, bronquite e outras infecções do sistema respiratório. De acordo com Santos (2019) cerca de 30% das crianças, independentemente da idade gestacional ao nascer, apresenta alguma manifestação de agravo respiratório, por conviver com fumantes e acabam desenvolvendo algumas doenças do trato respiratório no primeiro ano de vida. Nos primeiros meses de vida, a procura por atendimentos relacionados a episódios de dificuldade respiratória e demais quadros respiratórios agudos, representam uma parcela significativa nos atendimentos médicos na atenção básica, o que reforça a necessária atenção especial, à procura acontece devido identificação dos sinais e sintomas por aqueles que convivem com a criança.

Conclusão: Conclui-se que as patologias respiratórias infantis, como pneumonia, asma e bronquite, são amplamente influenciadas por fatores ambientais, como a poluição do ar e o convívio com fumantes.

Referências

BUNGART, V.F. *et al.* “Análise dos atendimentos em urgência e emergência por doenças respiratórias na população infantil na upa zona sul um estudo de caso”. **Enciclopédia Biosfera**, dezembro de 2015, p. 3156–64. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2015c/saude/analise%20dos%20atendimentos.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2024.

MORAES, S.L. *et al.* Variáveis meteorológicas e poluição do ar e sua associação com interações respiratórias em crianças: estudo de caso em São Paulo, Brasil. **Cadernos de saúde pública**, v. 35, n. 7, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/MB6v7vJrdw7gzyggysJ6kMp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

RODRIGUES, D.A.I. *et al.* “Relação entre Desnutrição Infantil e o Risco de Doença Respiratória em crianças de até 4 anos no Brasil: um Estudo Epidemiológico”. **Amazônia Science and Health**, vol.10, n.1, 2022. Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/3683/1873>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SANTOS, A.C. *et al.* Perfil clínico epidemiológico de crianças admitidas em unidade pediátrica [Clinical and epidemiological profile of children admitted to a pediatric unit] [Perfil clínico y epidemiológico de niños ingresados en una unidad pediátrica]. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 28, p. e46533, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/46533/35922>. Acesso em: 30 ago. 2024.

SANTOS, D.S. **Fatores associados ao desenvolvimento de agravos respiratórios em prematuros limítrofes no primeiro ano de vida**. Universidade Federal de Santa Maria, CAMPUS PALMEIRA DAS MISSÕES – Departamento de ciências da saúde curso de enfermagem, 2019.

Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19993/TCC-ENF-2019SANTOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 set. 2024.

RELAÇÃO ENTRE INCAPACIDADE MOTORA, SENTIMENTOS E QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES PÓS ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO

Jéssica Fernanda Barbosa¹; Cariston Rodrigo Benichel²; Flávio Ademilson Corradini Junior³.

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – jessica.fernandab@hotmail.com;

²Professor de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – c.benichel@gmail.com;

³Professor de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – prof.flavioc@hotmail.com.

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM.

Palavras-chave: acidente vascular encefálico, qualidade de vida, reabilitação, enfrentamento.

Introdução: O acidente vascular encefálico (AVE) representa uma emergência médica que repercute diretamente no cotidiano do doente e seus familiares. Pode ser hemorrágico (AVEh) ou isquêmico (AVEi), sendo este o mais prevalente. São causados pelo extravasamento de sangue no interior do tecido cerebral ou isquemia, respectivamente (Gehrke *et al.*, 2022). Secundariamente às lesões supramencionadas, o AVE desencadeia alterações de ordem cognitiva e motoras, sendo estas relacionadas com incapacidades físicas e comprometimento da qualidade de vida do paciente (Silva *et al.*, 2022). Não obstante, a hospitalização passa a representar um momento estressante, evidenciado pelo medo do desconhecido, prognóstico, alteração do padrão das relações familiares e quebra de rotinas. Neste contexto, o enfermeiro tem papel fundamental frente ao ato do cuidar, devendo atuar de forma organizada e humanizada para auxiliar o paciente, juntamente com sua família, a se adequar a essa nova realidade (Costa *et al.*, 2016).

Objetivos: Investigar as incapacidades motoras, sentimentos e emoções desenvolvidas pelo paciente pós AVE e a correlação destas variáveis com a qualidade de vida.

Relevância do Estudo: Compreender o cenário de incapacidades e sentimentos certamente representa estratégia assertiva para o planejamento do cuidado e promoção da qualidade de vida dos pacientes pós AVE, cujo intuito motivou a realização deste estudo.

Materiais e métodos: Estudo transversal, descritivo e de caráter quantitativo realizado com pacientes pós AVE assistidos por um Serviço de Fisioterapia e Reabilitação do Município de Bauru. A coleta de dados ocorreu entre os meses de agosto e setembro de 2024 após anuência do Comitê de Ética e Pesquisa sob o Parecer número 6.934.475. Os participantes resultaram de demanda espontânea, cujos aceites e assinatura do Termo de Consentimento, responderam a um questionário eletrônico contendo dados sociodemográficos, condições de saúde pregressas e atuais e um inventário abreviado sobre qualidade de vida. Os dados foram compilados e tabulados em planilhas eletrônicas e posteriormente analisados descritivamente à luz do referencial teórico e objetivo proposto.

Resultados e discussões: Participaram deste estudo 26 pacientes, sendo majoritariamente aposentados (42,2%), do sexo feminino (53,8%), caucasianos (76,9%), casados (53,8%) e com média de idade de 66,46(±15,01) anos. O AVE mais prevalente foi o isquêmico (76,9%). O diagnóstico ocorreu há 7,43(±8,21) anos em média, atrelado à histórico de doenças pregressas incluindo o Diabetes Mellitus (50%), Hipertensão Arterial (38,5%), Tabagismo (30,8%), Cardiopatias (26,9%) e Doenças neurológicas além do AVE (23,1%). Quando correlacionadas com a qualidade de vida, verificou-se que a maioria indicou o padrão motor como um dos principais desafios, envolvendo dificuldades para se exercitar (69,2%) e caminhar (61,5%); também referiram dificuldades para o autocuidado e alimentação (38,4%), e em menor proporção dificuldades para socialização e retorno ao trabalho (69,2%). Apesar das limitações apresentadas, a maioria considerou sua qualidade de vida como “boa” (61,5%),

estando associada com os perfis com menor número de sequelas. Do mesmo modo, os demais apresentaram variações nos quesitos segurança, assistência médica, satisfação, energia, aparência física e finanças. Além disso, 73,1% referiu sentimentos negativos, tais como mau-humor, desespero, ansiedade e depressão. Estes resultados corroboram com outros dados epidemiológicos no que concerne os fatores de risco consagrados na literatura para o desenvolvimento de distúrbios vasculares cerebrais (Santos *et al.*, 2021), sobretudo quanto à indicação de que quanto maior o número de incapacidades pior é a qualidade de vida. Esses dados se assemelham com estudos que descrevem pacientes privados da realização de atividades diárias, bem como aqueles que desenvolvem ansiedade e outras emoções lábeis, as quais emergem em cenário de dependência para as tarefas diárias (Rocha *et al.*, 2020).

Conclusão: Concluiu-se que as principais incapacidades motoras dentre os pacientes pós-AVE estiveram relacionadas com dificuldades motoras para se exercitar e caminhar. As atividades de autocuidado, trabalho e socialização foram menos prevalentes, ao passo que melhores classificações de qualidade de vida estiveram atreladas aos que com menor número de sequelas neurológicas. Por fim, o mau-humor, depressão, desespero ou ansiedade foram experienciados por parcela significativa dos participantes, indicando os reflexos negativos da doença que necessitam de cuidados de enfermagem especializados.

Referências

- COSTA, T. F. *et al.* Acidente vascular encefálico: características do paciente e qualidade de vida de cuidadores. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, DF, v. 69, n. 5, p. 933-939. set./out. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2015-0064>. Disponível em: <https://www.scielo.br/rj/reben/a/rk5zWGTKsQwK4R5349FQZCj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- GEHRKE, A. *et al.* Fatores de risco relacionados ao diagnóstico de acidente vascular encefálico em pacientes idosos, **Enferm. Foco**, Brasília, DF, v. 13, p. e-202238. 2022. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2022.v13.e-202238>. Disponível em: https://enfermfoco.org/wp-content/uploads/articles_xml/2357-707X-enfoco-13-e-202238/2357-707X-enfoco-13-e-202238.pdf. Acesso em: 01 mar. 2024.
- ROCHA, I. P. *et al.* Funcionalidade e qualidade de vida em pacientes pós acidente vascular cerebral. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 4, p. 17391-17403. abr. 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n4-056. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/8436/8574>. Acesso em: 23 set. 2024.
- SANTOS, T. T. S. *et al.* Perfil sociodemográfico e clínico de pacientes com doenças cardiovasculares em um hospital geral. **J. nurs. Health**, v.11, n.1, p. e2111119369. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19369/12842>. Acesso em: 01 mar. 2024.
- SILVA, C. R. R. *et al.* Funcionalidade, estresse e qualidade de vida de sobreviventes de acidente vascular cerebral. **Acta Paul. Enferm.**, Porto Alegre, RS, v. 35, p. eAPE0390345. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO0390345> Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/ape/v35/1982-0194-ape-35-eAPE0390345.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2024.

ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM AOS FAMILIARES DO PACIENTE COM ESPECTRO AUTISTA

João Lucas da Silva¹; Andréia Caron²; Flávia Cristina Pertinhes Franco³

¹Aluno de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – joao_bauru2010@hotmail.com

^{2,3}Professoras do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
andreiacaaron@hotmail.com; flavi.franco@uol.com.br

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Autismo; Assistência a família; Assistência de enfermagem, Enfermeiro.

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica de origem biológica que afeta o desenvolvimento, manifestando-se por alterações em duas áreas principais: dificuldades na comunicação e na interação social, além de padrões de comportamentos repetitivos e restritos, sendo mais comum em meninos. As causas para o autismo ainda não são totalmente esclarecidas, mas diversas pesquisas sugerem que sua origem pode estar associada a anomalias em áreas específicas do cérebro que ainda não foram determinadas de maneira conclusiva. É provável que fatores genéticos e ambientais, como algumas infecções e a administração de certos medicamentos durante a gravidez, contribuam para o desenvolvimento do TEA (Gomes *et al.*, 2014). A equipe de enfermagem desencadeia uma função fundamental nos cuidados do paciente com transtorno psicótico. A aplicação de uma abordagem apropriada no atendimento da enfermagem nos pacientes com TEA é de extrema importância para aceitação e adesão do paciente e dos familiares. Desse modo podemos avaliar como as famílias dos pacientes com TEA estão sendo auxiliadas pelas equipes multiprofissionais, se a abordagem e os cuidados prestados na assistência de enfermagem estão sendo adequados, mostrando a empatia e o cuidado a esse tipo de paciente que necessita de cuidados diferenciados (Bonfim *et al.*, 2023).

Objetivos: Este estudo tem como objetivo demonstrar os critérios e a importância do cuidado de enfermagem, a família do paciente com TEA.

Relevância do Estudo: Este estudo concentra-se na necessidade de explorar como a equipe de enfermagem está capacitada para o atendimento a família do portador de TEA.

Materiais e métodos: Foram realizadas pesquisas nas bases de dados e selecionados artigos que dissertassem sobre o assunto em pauta. Utilizados artigos em português dos últimos dez anos, excluídos trabalhos com mais de dez anos de publicação e em outros idiomas.

Resultados e discussões: Dentro dos artigos e publicações pesquisados, o TEA está cada vez mais comum nos dias de hoje, o que faz com que a equipe de enfermagem tenha uma visão e capacitação para atender os familiares do portador de TEA de maneira adequada, evitando assim maiores complicações. Segundo Caparroz e Sodeira (2022) e Figueiredo, Rangel e Lima (2020) o TEA é uma doença que necessita de mais estudos, embora ela seja atualmente o foco da comunidade científica, existe a necessidade de complementar e por isso os profissionais precisam ser qualificados, portanto os familiares precisam estar envolvidos, o enfermeiro precisa ser especializado e capacitado para realizar a detecção precoce do autismo, como forma de prestar uma assistência de enfermagem adequada. O autismo atinge a área social, onde a criança não interpreta relacionamentos sociais e tem dificuldade de interagir com o outro e isso pode ocorrer em vários níveis de gravidade, no entanto é possível existir traços mais sutis do autismo que enganam com o decorrer do tempo. Certos pais têm dificuldades em aceitar o diagnóstico, eles buscam diferentes médicos na esperança de obter outra avaliação ou opiniões mais favorável. Sousa *et al.* (2018) refere que na necessidade de suporte e cuidados para crianças autistas, os profissionais de enfermagem possuem

conhecimento prático e científico suficientes para ajudar essas crianças a se tornarem indivíduos ativos na construção de suas vidas e na busca por independência, já Nunes *et al.*, 2020 descrevem que os profissionais de enfermagem enfrentam grandes desafios para identificar precocemente os sinais e sintomas do TEA, sendo sua principal dificuldade o desconhecimento sobre o assunto. O acompanhamento infantil em crianças, no processo de crescimento e desenvolvimento, o enfermeiro é responsável por avaliar e detectar quaisquer sinais de anormalidade para diagnóstico precoce, principalmente ao TEA, bem como prestar apoio aos familiares da criança. Após o diagnóstico, o enfermeiro pode trabalhar na psicoeducação da família, acompanhar visitas repetidas e encaminhar para outras especialidades (Araujo *et al.*, 2022).

Conclusão: O presente estudo revela a importância do enfermeiro e da equipe multidisciplinar na descoberta precocemente do TEA, para assim construir uma assistência de qualidade para a criança. O autismo é uma síndrome incurável, portanto necessita do familiar juntamente com a equipe de saúde para conduzir o melhor atendimento.

Referências

ARAUJO, S. H. *et al.* Atuação multiprofissional ao manejo do transtorno do espectro autista. Contemporânea – **Revista de Ética e Filosofia Política**, v.2, n.3, p. 942- 966, 2022. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/215/149>. Acesso em: 20 set. 2024.

BONFIM, A.T. *et al.* Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto/SP.v.31, e3780,2023. DOI10.1590/1518 8345.5694.378. Disponível em: <https://www.scielo.br/rlae/a/Q6SDP4CQrBqfHRLj4yQzQML/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2024.

CAPARROZ.; SOLDEIRA, S, E, P. Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. **Open Minds International Journal**, São Paulo/ SP vol. 3, n. 1: p. 33-44. 2022. Disponível em: <https://openminds.emnuvens.com.br/openminds/article/view/142/117>. Acesso em: 19 set. 2024.

FIGUEIREDO, L. S; RAGEL, S. M. J; LIMA, F. C. N. M. O diagnóstico do transtorno do espectro autista e suas implicações na vivência da família. **Revista Amazônica**, LAPESAM/GMPEPE/UFAM/CNPq, Humaitá/AM v. XXV, número 2, pág.93-107, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/7765/5452>. Acesso em: 19 set. 2024.

GOMES, P. T. M. *et al.* Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **J. Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 91, n. 2, p. 111–121, mar/ 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/wKsNY3ngvLDcRZ5bxWCn47v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2024.

NUNES, A. K. A. *et al.* Assistência de enfermagem à criança com autismo. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista/SP, v.9, n.11e 86991110114, 2020. DOI 10.33448/rsd-v9i11.10114. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10114/9435>. Acesso em: 30 maio 2024.

SOUSA, A. S. B. *et al.* Enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar. **Revista Saúde e Pesquisa**, Maringá/ PR v. 11, n. 1, p. 163-170, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/6033/3174>. Acesso em: 18 set. 2024.

AUTONOMIA OU INDUÇÃO A ESCOLHA DA VIA DE PARTO

Julia de Godoy Azevedo¹; Josiane Estela de Oliveira Prado², Ana Kelly Kapp Poli Schneider

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – juliagodoyaz@gmail.com

^{2,3}Professoras do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
josituca66@gmail.com; anakellypoli@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Parto; Cesárea; Parto normal; Autonomia pessoal; Gestantes.

Introdução: A gestação é uma fase transformadora na vida da mulher, marcada por uma conexão profunda com o bebê, trazendo tanto alegrias quanto incertezas. O processo de parto é influenciado por fatores físicos, emocionais e sociais, com duas principais vias: o parto normal, que oferece benefícios como rápida recuperação e maior vínculo mãe-bebê, e a cesárea, recomendada apenas em casos necessários, apresentando riscos maiores (Zanatta; Pereira; Alves, 2017). Apesar da recomendação da OMS de limitar cesarianas a 15%, o aumento desse procedimento é preocupante. O estudo busca explorar a autonomia da mulher na escolha do parto e o impacto da crescente prevalência de cesáreas (Rodrigues *et al.*, 2016).

Objetivos: Esta pesquisa tem como objetivo identificar a prevalência de partos naturais e cesáreos e em contrapartida destes dados, observar a autonomia ou indução a escolha da via de parto.

Relevância do Estudo: O estudo em questão partiu da necessidade de expor dados em relação a prevalência de cada via de parto e a partir disto, chegar a uma resposta sobre a autonomia ou indução gestante sobre sua escolha. A partir destes dados traçar intervenções para deixar o cenário mais adequada possível levando em consideração a saúde da mulher.

Materiais e métodos: O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura do tipo descritiva, fundamentada em artigos, livros, sites e resoluções. Este trabalho foi desenvolvido por intermédio de buscas online de materiais nacionais e internacionais, considerando o período dos últimos dez anos e prezando pelos mais recentes, utilizando bases de dados como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Cochrane, Google acadêmico e Uniman (Centro Universitário de Mandaguari), empregando descritores específicos (parto; cesárea; parto normal; autonomia pessoal; gestantes e legislação referente à liberdade de escolha do paciente).

Resultados e discussões: Para compreender o cenário atual, é importante observar que o processo de nascer é permeado por diversos fatores que influenciam diretamente esta escolha causando um aumento geral no índice de cesáreas, entretanto, foram notados diversos fatos que acarretam a maior probabilidade e preferência para cesárea, sendo eles:

Fatores que influenciam a escolha da cesárea: O aumento no índice de cesáreas é influenciado por fatores como perfil socioeconômico, a diferença entre hospitais públicos e privados, a relação médico-paciente, aspectos socioculturais e a escolaridade da gestante.

Perfil socioeconômico e hospitais: Famílias com maior poder aquisitivo tendem a optar pela cesárea devido às vantagens do setor privado, como o acompanhamento contínuo com o mesmo médico e a previsibilidade do parto agendado. No entanto, isso pode levar a cesáreas desnecessárias (Rocha; Ferreira, 2020).

Relação médico-paciente: A relação assimétrica entre médico e paciente, com falta de informações claras sobre os tipos de parto, leva muitas gestantes a não terem autonomia na escolha do parto. O conhecimento técnico dos médicos é superestimado, o que desconsidera a capacidade das gestantes de tomar decisões informadas (Roveri; Fonseca, 2016).

Aspectos socioculturais: Normas culturais e familiares têm grande influência na escolha da via de parto. Em algumas culturas, o parto normal é considerado um rito de passagem, enquanto a cesárea pode ser vista como um procedimento mais moderno e controlado (Rocha; Ferreira, 2020).

Consequências dessa tendência: Estima-se que, se essa tendência continuar, as taxas de cesárea aumentem ainda mais até 2030 em várias regiões do mundo, com as maiores taxas relatadas na: Ásia Oriental (63%), América Latina e Caribe (63%), Ásia Ocidental (50%), Norte da África (48%), Sul da Europa (47%), Austrália e Nova Zelândia (45%) (OPAS, 2021).

Conclusão: A revisão integrativa revela que diversos fatores influenciam a escolha da gestante entre o parto normal e a cesárea, mas frequentemente sua vontade é comprometida por interferências externas, limitando sua autonomia. A problemática não é nova e reflete influências culturais, sociais e econômicas que tratam a cesárea como um método comum. A falta de imparcialidade nas informações e mitos contribui para essa preferência. O estudo destaca a importância de mais debates sobre o tema, incentivando a humanização obstétrica, a redução da violência obstétrica e a garantia da autonomia da mulher na escolha da via de parto baseada em evidências científicas.

Referências

OPAS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE – OPAS. **Taxas de cesarianas continuam aumentando em meio a crescente desigualdades no acesso, afirma OMS.** Entrevista publicada 16 jun. 2021. Disponível em: [https://www.paho.org/pt/noticias/16-6-2021-taxas-cesarianas-continuum-aumentando-em-meio-crescentes-desigualdades-no-acesso#:~:text=acesso%2C%20afirma%20OMS-,Taxas%20de%20cesarianas%20continuum%20aumentando%20em%20meio,desigualdade%20no%20acesso%2C%20afirma%20OMS&text=Genebra%2C%2016%20de%20junho%20de,cada%20cinco%20\(21%25\)%20partos](https://www.paho.org/pt/noticias/16-6-2021-taxas-cesarianas-continuum-aumentando-em-meio-crescentes-desigualdades-no-acesso#:~:text=acesso%2C%20afirma%20OMS-,Taxas%20de%20cesarianas%20continuum%20aumentando%20em%20meio,desigualdade%20no%20acesso%2C%20afirma%20OMS&text=Genebra%2C%2016%20de%20junho%20de,cada%20cinco%20(21%25)%20partos). Acesso em: 04 abr. 2024.

ROCHA, N. F. F.; FERREIRA, J. A escolha da via de parto e a autonomia das mulheres no Brasil: uma revisão integrativa. Rio de Janeiro. **Saúde debate**. v. 44, n. 125, p. 556-568, abr/jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012521>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gv6DSVLwCqFZvxVDLCKTxhL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 mar. 2024.

RODRIGUES *et al.* Cesariana no Brasil: uma análise epidemiológica. **Revista multitexto**. v. 4, n. 1, p. 48-53, 2016. Disponível em: <https://www.ead.unimontes.br/multitexto/index.php/rmcead/article/view/174/103>. Acesso em: 13 mar. 2024

ROVERI, L. L.; FONSECA, M, G, C, C, D. Fatores que influenciam a gestante na escolha do tipo de parto em uma maternidade no interior de São Paulo. Jundiaí-SP. **Revista saúde**. v. 10, n.3-4, p.8-2, jan/mai. 2016. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/2172/1850>. Acesso em: 16 ago. 2024.

ZANATTA, E; PEREIRA, C.R.R; ALVES, A.P. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. **Pesquisas e práticas psicossociais**, São João Del Rei, v. 12, n. 3, e1113, set/dez. 2017. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2646/1751. Acesso em: 2 abr. 2024.

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO OBSTETRA NOS MÉTODOS NÃO FARMACOLÓGICOS PARA ALÍVIO DA DOR NO TRABALHO DE PARTO

Julia Domingos Goes¹; Ana Kelly Kapp Poli Schneider²; Flavia Cristina Pertinhes Franco³.

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – juliadomingos_goes@hotmail.com;

²Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anakellypoli@yahoo.com.br;

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – flavi.franco@uol.com.br

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: trabalho de parto, dor do parto, parto normal, enfermagem obstétrica.

Introdução: A dor do trabalho de parto é considerada fisiológica e é um dos motivos pelo qual as mulheres não escolhem o parto normal. Diante disso, o enfermeiro obstetra tem como objetivo promover uma relação agradável e empática, incentivando e encorajando a participação da mulher durante o trabalho de parto, respeitando o princípio da humanização, ocasionando maior satisfação pela escolha da via de parto, contribuindo com o aumento da taxa de parto normal e reduzindo os partos prematuros (Oliveira *et al.*, 2021). Sendo assim, surgiram os métodos não farmacológicos, a fim de substituir o uso de medicamentos, quando possível, e colaborar com a diminuição, da dor, do estresse e ansiedade materna, garantindo a participação da gestante no trabalho de parto (Maffei *et al.*, 2021). As utilizações dessas técnicas não só colaboram com a diminuição da dor, mas também reduz o número de intervenções desnecessárias, de cesáreas sem indicações apropriadas, reduz o risco de violência obstétrica, garantem que os partos sejam mais rápidos e que a mulher tenha o controle sobre o seu desempenho parturitivo (Almeida; Acosta; Pinhal, 2015).

Objetivos: Apresentar os métodos não farmacológicos para o alívio da dor do parto, além de destacar a importância da atuação do enfermeiro obstetra nesse processo.

Relevância do Estudo: Trazer o conhecimento sobre as práticas não farmacológicas que podem ser abordadas durante o trabalho de parto pelo enfermeiro obstetra, contribuindo não somente com o alívio da dor, mas também na evolução positiva do trabalho de parto e nascimento, na redução das taxas de cesarianas e reduzir a morbimortalidade do binômio causada por procedimentos desnecessários.

Materiais e métodos: O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura bibliográfica do tipo narrativa descritiva e foi realizado mediante pesquisas nas bases de dados eletrônicas: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scientific Eletronic Library Online (SciELO). Para critérios de inclusão foram considerados artigos em português, de até 10 anos e que abordavam o tema escolhido para este trabalho.

Resultados e discussões: O enfermeiro obstetra proporciona a qualidade de um ambiente adequado, confortável e as práticas realizadas por eles são de grande aceitação pelas parturientes, onde promover o alívio da dor, tornar o momento especial, e estabelecer uma relação de confiança, é a meta principal (Gomes e Davim, 2018). Dentre os métodos não farmacológicos disponíveis, tem-se a musicoterapia e aromaterapia para acalmar e relaxar, além da técnica de respiração que ajuda a reduzir a sensação dolorosa, proporciona o relaxamento e diminuição da ansiedade (Moreira *et al.*, 2020). A massagem é uma técnica natural que reduz a ansiedade, o estresse, promove o relaxamento e aumenta a consciência corporal, principalmente nas primeiras horas do trabalho de parto. O uso da bola suíça possibilita a movimentação da pelve que contribui para o alívio da dor na região lombar e

facilita a descida e rotação do feto. O banho de aspersão além de reduzir o estresse e proporcionar o relaxamento, ele também alivia a dor na região lombar. A deambulação favorece a redução do tempo de trabalho de parto, pois contribui com a mobilidade pélvica e dilatação cervical. A estimulação elétrica nervosa transcutânea atua no alívio da dor nos momentos iniciais do trabalho de parto através da estimulação nervosa periférica (Coelho; Rocha; Lima, 2017). Outras técnicas fazem parte da medicina tradicional chinesa, técnicas como acupressão e a acupuntura promovem o relaxamento e proporcionam o alívio da dor (Pereira *et al.*, 2020).

Conclusão: A partir da análise do presente estudo, conclui-se que o papel do enfermeiro obstetra é de grande importância para o alívio da dor no processo do trabalho de parto. Para isso, são utilizados métodos não farmacológicos que criam um vínculo entre enfermeiro e paciente, geram sensação de segurança, diminuem o uso de fármacos e intervenções desnecessárias, contribuem para o sucesso no trabalho de parto e satisfação da paciente.

Referências

- ALMEIDA, J. M.; ACOSTA, L. G.; PINHAL, M. G. Conhecimento das puérperas com relação aos métodos não farmacológicos de alívio da dor do parto. **Revista Mineira de Enfermagem**. Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 718-724, jul./set. 2015. Editorial. DOI 10.1590/1983-1447.2021.2020-0200. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/reme/v19n3/v19n3a14.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2024.
- COELHO, K. C.; ROCHA, I. M. S.; LIMA, A. L. S. Métodos não farmacológicos para alívio da dor durante o trabalho de parto. **Revista Científica de enfermagem**. São Paulo, v. 7, n. 21, p. 14-21, abr. 2017. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/149/152>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- OLIVEIRA, P. S. *et al.* Enfermeira obstetra e os fatores que influenciam o cuidado no processo de parto. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre, p. 1-12, set. 2021. Editorial. DOI 10.5935/1415-2762.20150054. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/ckB5dXLhfQXbBCFvnbjTznb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 abr. 2024.
- MAFFEI, M. C. V. *et al.* Uso de métodos não farmacológicos durante o trabalho de parto. **Revista de enfermagem UFPE on line**, e245001, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/245001/38104>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- GOMES, E. C. H.; DAVIM, R. M. B. Prática do enfermeiro obstetra quanto ao alívio da dor de parturientes. **Revista de enfermagem UFPE On Line**, Recife, v. 12, n. 12, p. 3426-3435, dez. 2018. Editorial. DOI.org/10.5205/1981-8963-v12i12a237709p3426-3435-2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/237709/30858>. Acesso em: 22 jul. 2024.
- MOREIRA, L. S. *et al.* Uso de métodos não farmacológico no controle da dor no trabalho de parto e parto: revisão integrativa. **Revista Intellectus**. Jaguariúna, n. 57, n. 1, p. 98-108, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/31313/1/DorTrabalhoParto_Jacob_2020.pdf. Acesso em: 18 ago. 2024.
- PEREIRA, A. C. C. *et al.* Métodos não farmacológicos para alívio da dor durante o trabalho de parto: revisão sistemática. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. Minas Gerais, v. 12, e4448, 2020. DOI.org/10.25248/reas.e4448.2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4448/2842>. Acesso em: 03 set. 2024.

CUIDADOS PALIATIVOS ONCOLÓGICOS SOB A EXCELÊNCIA DA EQUIPE DE ENFERMAGEM

Marcella Maria dos Santos Sioni¹; Josiane Estela de Oliveira Prado²; Flávio Ademilson Corradini Júnior³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mmariasioni@outlook.com;

^{2,3} Professores do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
josituca66@gmail.com;
prof.flavioc@hotmail.com.

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Assistência de Enfermagem; Cuidados Paliativos; Oncologia; Humanização da assistência.

Introdução: Em vista do cenário atual, o câncer é uma das doenças que mais cresce no Brasil e no mundo. São inúmeros diagnósticos feitos todos os dias, estima-se que haja crescimento elevado da doença nos próximos anos. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA) nos anos de 2020-2021-2022, foram projetados 625 mil novos casos, exceto câncer de pele não melanoma, por ano no Brasil (INCA, 2019). O câncer resulta de mutações genéticas, alterações do DNA de uma célula onde começa a receber coordenações incorretas para suas atividades. Podem ocorrer alterações em genes especiais chamados proto-oncogenes, que são inicialmente agentes que ajudam células a crescerem, quando sofrem alterações genéticas, ajudam as células cancerígenas a multiplicação desordenada (INCA, 2022). O tratamento ofertado precocemente, conforme a OMS preconiza, tem redução no número de internações desnecessárias, melhora consequentemente o conforto proporcionado ao paciente e seus familiares, melhora a qualidade de vida, enfrentamento da dor, problemas psicossociais, espirituais e físicos (OMS, 2020). No Brasil, os cuidados paliativos são regulamentados e podem ser prestados em casa, em hospitais ou em ambulatorios, sempre visando a qualidade de vida do paciente. Este atendimento é realizado principalmente pela equipe de enfermagem, que é primordial para promover o conforto e finitude para os pacientes até o final de seus dias. A abordagem envolve uma equipe multidisciplinar, proporcionando um tratamento holístico e respeitoso. Assim, busca-se garantir dignidade e serenidade até o último momento (Alves *et al.*, 2019).

Objetivos: O objetivo deste trabalho foi evidenciar a importância da equipe de enfermagem no processo de qualidade da morte.

Relevância do Estudo: O estudo tem como importância mostrar a atuação dos profissionais de enfermagem, que é crucial nesse contexto, pois eles desempenham um papel fundamental na implementação de cuidados que visam não apenas o alívio de sintomas físicos, como a dor e o desconforto, mas também o suporte emocional e psicológico tanto para o paciente quanto para seus familiares. Com base nessas perspectivas, evidenciar como a presença de uma equipe de enfermagem preparada e especializada pode fazer toda a diferença ao proporcionar um processo de morte com mais tranquilidade, respeito às vontades do paciente e melhoria na sua qualidade de vida até os momentos finais.

Materiais e métodos: Este artigo científico trata-se de uma revisão de literatura do tipo narrativa. Foram utilizadas as bases de dados Lilacs, SciELO, Google Acadêmico e Organização Mundial da Saúde (OMS). Foram estudados artigos originais de pesquisa, editoriais, revisão de literatura, revistas e artigos.

Resultados e discussões: Através dos resultados obtidos, sabemos que os cuidados paliativos são de extrema necessidade em todo o mundo, para pacientes com doenças terminais ou crônicas que necessitam de cuidados especiais, como alívio da dor, que é um dos pilares dos cuidados paliativos. A equipe de enfermagem é primordial na finitude da vida, provendo o conforto, dignidade e acima de tudo respeitando a opinião dos pacientes. A dor é um sintoma central e temido por pacientes oncológicos, especialmente em estágios avançados, impactando significativamente sua qualidade de vida (Gomes; Melo, 2023). Estudos indicam que a dor do câncer é complexa, exigindo uma abordagem multidisciplinar que considere aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais. É essencial incluir uma equipe multiprofissional capacitada no diagnóstico e tratamento, utilizando instrumentos que avaliem a dor em sua totalidade. Os cuidados paliativos têm mostrado eficácia ao promover a qualidade de vida, hospitalizações desnecessárias, poder ter o conforto de seu lar com seus familiares e aliviar a dor ao considerar a complexidade da doença até seus últimos dias (Pinheiro; Mendes, 2024). Contudo, há uma escassez de pesquisas que abordem a dor total de maneira aprofundada. Portanto, é necessário desenvolver políticas públicas que priorizem o atendimento a pacientes com câncer, melhorando o suporte e evitando a superlotação em serviços de saúde.

Conclusão: Em síntese, conclui-se a suma importância da equipe de enfermagem capacitada para prover qualidade de vida, conforto, alívio e dignidade a terminalidade da vida de cada paciente com a prática dos cuidados paliativos.

Referências

- ALVES, R. S. F. *et al.* Cuidados Paliativos: Alternativa para o Cuidado Essencial no Fim da Vida. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Paraíba, v. 39, e185734, 2019. Editorial. DOI 10.1590/1982-3703003185734. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/NSScM87z94MQRGL8RPtBGzJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2024.
- GOMES, A. M. L.; MELO, C. F. Dor total em pacientes oncológicos: uma revisão integrativa da literatura. **Psicologia em estudo**, Fortaleza, v. 28, n. 1, p.15-16, e53629, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/6RNghwmwtkGbXFqFpdx9MQr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- INCA. INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Como surge o câncer**. Publicado em 4 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/como-surge-o-cancer>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- INCA. INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Estimativa 2020: Incidência de câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: INCA, 2019. 122 p. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Cuidados paliativos**. Publicado em 20 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/palliative-care>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- PINHEIRO, S. M.; MENDES, E. C. Perfil dos pacientes em cuidados paliativos atendidos pela fisioterapia na assistência domiciliar de um hospital oncológico. **O Mundo da Saúde**. Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 10, e15322023, 2024. Editorial. DOI 10.15343/0104-7809.202448. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/1532/1420>. Acesso em: 15 mar. 2024.

O USO DE LIBRAS NO PROCESSO DE ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE SURDO

Rebeca Sasso Pedroso¹; Cariston Rodrigo Benichel²; Vanessa Malacrida de Moraes³.

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – sassorebeca@gmail.com;

²Professor de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - c.benichel@gmail.com;

³Professora de Enfermagem – Faculdade Integradas de Bauru – FIB – vani.malacrida@gmail.com.

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: comunicação, enfermagem, surdez, perda auditiva.

Introdução: Nos dias atuais, com o desenvolvimento de diversas categorias de comunicação e o avanço da modernidade do atendimento no sistema de saúde, ainda vivemos uma grande dificuldade em relação à acessibilidade à comunidade portadora de deficiência auditiva (Britto; Samperiz, 2010). Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) até o ano de 2023, 10 milhões de pessoas no Brasil apresentam deficiência, onde 2,7 milhões desses correspondem a pessoas portadoras de surdez profunda (USP, 2023). Conforme a 2ª Meta Internacional de Segurança do Paciente, estabelecida pela *Joint Commission International* (JCI), em parceria com a Organização Mundial da Saúde (OMS), que busca a melhora da comunicação efetiva entre os prestadores de cuidados e o paciente, através de abordagens de comunicação efetiva, oportuna, precisa, completa e que seja compreendida pelo paciente (Brasil, 2021). Para que essa meta seja alcançada e aplicada ao paciente surdo, deve-se ter a inserção de profissionais de saúde capacitados a tal linguagem, reforçando ainda mais a importância das Libras durante o processo de assistência (Direito de Ouvir, 2021).

Objetivos: Compreender o grau de entendimento da equipe de enfermagem durante o processo de assistência ao paciente surdo e/ou deficiente auditivo, na linguagem brasileira de sinais, e métodos alternativos de comunicação, em todas as unidades de atendimento do hospital privado do interior de São Paulo.

Relevância do Estudo: Espera-se que o desenvolvimento desta pesquisa caracterize as experiências e percepções do enfermeiro no momento de acolhimento e assistência em todo o ambiente hospitalar ao paciente surdo/deficiente auditivo, medos, conhecimentos e emprego de métodos alternativos de comunicação como a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS). O conhecimento destes cenários poderá trazer subsídios para compreensão do processo de interação profissional junto aos pacientes, fato a realização desta pesquisa.

Materiais e métodos: Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva, de caráter quantitativo realizada em hospital privado do interior de São Paulo. onde foram entrevistados profissionais da equipe de enfermagem. Responderam a um questionário de 22 questões fechadas e abertas, que abordaram informações relacionadas a dados sociodemográficos, conhecimento da Libras e estratégias adotadas durante os atendimentos ao surdo. Sua realização foi subsidiada por autorização do Comitê de Ética e Pesquisa (Parecer 6.961.994) e coleta de dados através da plataforma Google Forms. Os dados foram transcritos em planilhas eletrônicas e analisados estatisticamente.

Resultados e discussões: Participaram do estudo 65 profissionais, sendo predominantemente técnicos de enfermagem (65%), do sexo feminino (81%) e idade média de 37 anos. Os resultados indicaram que a maioria possui conhecimento limitado em Libras (35%), utilizando predominantemente comunicação gestual e escrita para interagir com pacientes surdos. Embora um número considerável já tenha atendido esses pacientes (69%),

muitos relataram dificuldades na comunicação, o que impactou negativamente a efetividade do atendimento, não seguindo as recomendações presentes conforme a 2ª Meta Internacional de Segurança do Paciente, onde busca atingir uma melhora da comunicação efetiva entre prestadores e pacientes (Brasil, 2021). A presença de intérpretes foi reconhecida como um facilitador significativo, melhorando a compreensão e a qualidade do atendimento. No entanto, a falta de capacitação formal e de recursos adequados ainda representa um grande obstáculo. Segundo Nascimento *et al.* (2020), o ensino de Libras e atualizações periódicas devem fazer parte do programa de educação desses profissionais. Assim, é evidente a necessidade de investimento em formação contínua, promoção de cursos de Libras e recursos que incentivem um ambiente propício à comunicação, a fim de garantir um atendimento de saúde mais eficaz e inclusivo para a população surda.

Conclusão: A pesquisa revelou que a comunicação com pacientes surdos/deficientes auditivos enfrenta sérios desafios devido à falta de capacitação em Libras entre os profissionais de enfermagem, com apenas 35% demonstrando conhecimento da linguagem. A maioria dos participantes utilizou meios alternativos, como linguagem gestual e escrita, mas a efetividade do atendimento foi classificada como média, evidenciando a necessidade de intervenções. A utilização de intérpretes se destacou como um facilitador importante, aumentando a compreensão e a confiança no atendimento.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Metas internacionais de segurança do paciente**. Brasília, DF. Atualizado em 07 de jun. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sudeste/hc-ufmg/saude/metas-internacionais-de-seguranca-do-paciente/metas-internacionais-de-seguranca-do-paciente>. Acesso em: 08 mar. 2024.

BRITTO, R. F. SAMPERIZ, M. M. F. Dificuldades de comunicação e estratégias utilizadas pelos enfermeiros e sua equipe na assistência ao deficiente auditivo. **Einstein**. São Paulo, SP, v. 8, n. 1, p. 80-5, jan./mar. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010AO1339>. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0080.pdf. Acesso em: 11 mar. 2024.

DIREITO DE OUVIR BLOG. **Você sabe como funciona o Sistema Auditivo?** 2021. Disponível em: <https://www.direitodeouvir.com.br/blog/como-funciona-o-sistema-auditivo#:~:text=Na%20c%C3%B3clea%20as%20c%C3%A9lulas%20ciliadas,e%20compreendamos%20a%20mensagem%20enviad>. Acesso em: 08 mar. 2024.

NASCIMENTO, T. M. *et al.* Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na atenção à saúde dos surdos. **Audiol. Commun. Res.** São Paulo, SP, v. 25, p. e2361, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2020-2361>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/dY4cCXTnjwZvVSRPmYJ6RWL/?lang=pt#>. Acessado em: 23 set. 2024.

USP - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Jornal da USP** - Mais de 10 milhões de brasileiros apresentam algum grau de surdez. Atualizado em 21 ago. 2023. São Paulo. 2023. Disponível em: [https://jornal.usp.br/atualidades/mais-de-10-milhoes-de-brasileiros-apresentam-algum-grau-de-surdez/#:~:text=Dados%20do%20IBGE%20\(Instituto%20Brasileiro,ou%20seja%2C%20n%C3%A3o%20escutam%20nada](https://jornal.usp.br/atualidades/mais-de-10-milhoes-de-brasileiros-apresentam-algum-grau-de-surdez/#:~:text=Dados%20do%20IBGE%20(Instituto%20Brasileiro,ou%20seja%2C%20n%C3%A3o%20escutam%20nada). Acesso em: 08 mar. 2024.

BENEFÍCIOS TERAPÊUTICOS DO ELO FAMILIAR DURANTE A HOSPITALIZAÇÃO DO PACIENTE GRAVEMENTE ENFERMO

Sara Leôncio de Melo Garcia¹, Cariston Rodrigo Benichel²; Flávio Ademilson Corradini Junior³.

¹Aluna de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru – FIB – saralmg@gmail.com;

²Professor de Enfermagem das Faculdades Integradas de Bauru – FIB – c.benichel@gmail.com;

³Professor de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – prof.flavioc@hotmail.com.

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: unidade de terapia intensiva, familiares, experiência do paciente, enfermagem e família, emoções.

Introdução: Partindo da premissa de que a saúde é definida como: “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”, infere-se que a doença não pode ser compreendida apenas por meio das medições fisiopatológicas, pois quem estabelece o estado da doença é o sofrimento, a dor, o prazer, enfim os valores e sentimentos expressos pelo corpo subjetivo que adoece (OMS, 1947 *apud* Vianna, 2014). Complementa-se que a família também sofra repercussões no processo do adoecimento de um ente querido, haja vista que paralelamente vivencia a hospitalização e necessita de um olhar diferenciado por parte da equipe assistencial (Almeida *et al.*, 2010). Estima-se que além de representar uma importante fonte de apoio, segurança e afeto, os familiares também possam influenciar diretamente no sucesso do tratamento das doenças, culminando como um elo terapêutico (Sousa *et al.*, 2017).

Objetivos: Realizar revisão integrativa da literatura a fim de se identificar como a presença do familiar contribui para a recuperação do paciente gravemente enfermo e beneficie a manutenção do afeto e elo terapêutico.

Relevância do Estudo: O ambiente de UTI é carregado de incertezas e muita angústia, onde o paciente enfrenta diariamente condições ameaçadoras a vida e risco de morte iminente. A família certamente trará contribuições para a proposição de um plano assistencial holístico, cujo sucesso depende da participação ativa de todos, sendo fulcral para o sucesso do cuidado ao paciente e obtenção dos melhores desfechos e experiência dos envolvidos.

Materiais e métodos: O presente estudo se trata-se de uma revisão de literatura narrativa, com caráter exploratório-descritivo. Foi conduzida a partir dos descritores supramencionados e através de pesquisas nas bases de dados do SciELO, Google Acadêmico e LILACS. Foram incluídos artigos publicados no idioma português, com livre acesso e texto na íntegra, ao passo que foram excluídos aqueles que não contemplavam temáticas envolvendo o escopo deste estudo. O período de publicação foi preferencialmente nos últimos dez anos, todavia em virtude da carência de publicações na temática proposta, optou-se em flexibilizar este critério para a inclusão de referencial teórico indispensável para a sua construção. O desenvolvimento deu-se mediante a realização de fichamentos e transcrição da compilação de informações em modo discursivo à luz do objetivo proposto. Para este resumo expandido foram utilizadas cinco referências.

Resultados e discussões: Vidal *et al.* (2013) relatam que após as observações realizadas e análise dos dados, tornou-se evidente que a presença do familiar acompanhante trouxe mudanças positivas no comportamento do paciente, que se mostrou mais confortável e estável emocionalmente no seu quadro clínico. Segundo Almeida *et al.* (2010) o processo de adoecer não envolve apenas o paciente, mas também toda a família durante todo o período de hospitalização. Desta forma é importante voltar nossa atenção aos aspectos que envolvem

uma maior acessibilidade da família ao paciente de UTI, onde esse acesso costuma ser mais restrito. Sousa *et al.* (2017) concordam que a família é uma importante fonte de apoio que traz segurança ao paciente, e para o familiar traz uma certa tranquilidade, pois está mais próximo ao seu ente querido. Tal proximidade mostra que há uma influência positiva durante o tratamento do paciente, e para o familiar promove a redução da ansiedade. Os autores reiteram que a aproximação dos entes queridos e estreitamento de laços afetivos durante a hospitalização na UTI permite momentos de interação entre os familiares, paciente e equipe de saúde, o que além de oportunizar a troca de informações acerca do processo saúde-doença, também valoriza os anseios e valores que remetem à ressignificação dos envolvidos e planejamento de cuidados de forma individualizada, contribuindo sobretudo com o controle de sintomas e diversas variáveis biopsicossociais atinentes à recuperação do paciente (Eugênio *et al.*, 2022). Uma vez que a família representa, para a maioria das pessoas, uma importante fonte de apoio e segurança, permitindo troca de amor, afeto, respeito e valor, estima-se que também possa influenciar diretamente no sucesso do tratamento das doenças, culminando como um elo terapêutico (Sousa *et al.*, 2017).

Conclusão: Flexibilidade à visita ajuda os familiares a enfrentarem essa situação de uma forma menos angustiante, pois podem satisfazer a grande necessidade que sentem de ficar perto de seu ente querido. Uma UTI humanizada se preocupa com o bem-estar emocional dos pacientes e também de seus familiares, cujo elo revela-se com grande potencial benéfico para todos os envolvidos no processo terapêutico.

Referências

ALMEIDA, A. S. *et al.* Sentimentos dos familiares em relação ao paciente internado na unidade de terapia intensiva. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, DF, v. 62, n. 6, p. 844–849, nov. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000600007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/d6KNqK9MDvFVL4cQLMPwN3g/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2024.

EUGÊNIO, C. S. *et al.* Comparação entre as percepções de familiares e as de profissionais de saúde a respeito de um modelo de visita flexível em uma unidade de terapia intensiva adulto: estudo transversal. **Rev. Bras. Terapia Intensiva**, Rio de Janeiro, RJ, v. 34, n. 3, p. 374–379, jul. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5935/0103-507X.20220114-pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/a/79Dgy5VGNWz9NdbJZjqKMBp/#>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SOUZA, F. C. P. *et al.* A participação da família na segurança do paciente em unidades neonatais na perspectiva do enfermeiro. **Texto & Contexto – Enferm.**, Porto Alegre, RS, v. 26, n. 3, p. e1180016, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017001180016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/zzMFpck53vJSbZvLn94jbNz/#>. Acesso em: 13 abr. 2024.

VIANNA, L. A. C. **Determinantes Sociais de Saúde:** Processo Saúde Doença. Unifesp, São Paulo, SP, s/i, p. 2-10, 2014. Disponível em: https://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/pab/7/unidades_conteudos/unidade05_unidade05.pdf. Acesso em: 13 abr. 2024.

VIDAL, V. L. L. *et al.* O familiar acompanhante como estímulo comportamental de pacientes internados em terapia intensiva. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, RJ, v. 17, n. 3, p. 409-415, jul./set. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000300002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/KY588p8KscBqZRfXf6yV9Km/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2024.

A NÃO ADESAO DAS FAMILIAS AO ESQUEMA VACINAL DE CRIANÇAS E OS MOTIVOS

Victoria da Silva Alvares Spim¹; Adriana Aparecida Baraldi Gaion², Andreia Caron³

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – victoriaspim@hotmail.com

²Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB-
adrianabaraldig@gmail.com

³Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB-
andriacaron@hotmail.com

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Calendário Vacinal; Imunização; Programa de imunização; Crianças.

Introdução: A vacinação infantil é um tema de extrema importância de saúde pública, o objetivo da imunização é a prevenção de doenças transmissíveis, muitas delas que já estão no calendário vacinal, estão erradicadas e só foi possível com a vacinação da população, além disso associado a prevenção de doenças, a vacinação afeta positivamente também a diminuição da taxa de mortalidade infantil no Brasil (Beleboni; Stabeli; 2021). Mesmo com um calendário vacinal amplo e gratuito, o índice de imunização no Brasil vem caindo, tendo como fatores: a falta de acesso as informações, medo de reações adversas, crianças em estado de negligência familiar e as fake News, são alguns dos motivos os quais os pais vem evitando em vacinar seus filhos (D'Almonte; Siqueira; Silva; 2023). Podemos colocar as fake News como um dos maiores fatores ao qual os pais acabam se preocupando em não vacinar seus filhos, como exemplo a publicação de informações de que a vacina da Tríplice Viral poderia causar o autismo em crianças, informação já contestada e desmentida por cientistas (Brasil, 2023).

Objetivos: O objetivo do estudo é investigar as causas da recusa à vacinação infantil e o crescimento dos movimentos antivacinas.

Relevância do Estudo: A conscientização à vacinação infantil é crucial para proteger as crianças contra uma série de doenças, vacinas são um meio eficaz para previr e proteger coletivamente todos. Entender o que causa a hesitação à vacinação infantil e o que aumenta os movimentos antivacinas, para que possa ser feito algo para diminuirmos a incidência a esses casos, com informações tecno-científicas, realizar movimentos pró vacinas e campanhas de vacinação para incentivar os pais a levarem seus filhos, trazer informações para que os pais e responsáveis sejam conscientizados a dar continuidade ao esquema vacinal infantil e diminuir a hesitação e recusa a vacinação.

Materiais e métodos: Foram realizadas as pesquisas em base de artigos literários, com uma análise específica, relevante ao estudo apresentado, em bases de dados eletrônicos como BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), LILACS (Literatura Latino- Americana e do Caribe em ciências da saúde), Google Acadêmico, Portal Butantan, Scielo Brasil, Blogs e Revistas, com os descritores: Calendário Básico de Vacinação da Criança or Calendário de Vacinação do Adolescente or Programa Nacional de Imunizações (PNI) or Vacinação da Criança and Esquema de Imunização.

Resultados e discussões: Para iniciarmos a falar de movimentos antivacinas devemos voltar ao final do século XIX e início do XX, onde o Rio de Janeiro enfrentava graves problemas sanitários, com epidemias de febre amarela, varíola e peste bubônica. Para combater essas doenças, o médico Oswaldo Cruz, então Diretor Geral de Saúde Pública, implementou

reformas sanitárias, incluindo a erradicação do mosquito *Aedes aegypti* e o controle de ratos. Com o sucesso na diminuição das doenças, ele propôs a vacinação obrigatória contra a varíola, o que gerou grande controvérsia. Um senador formou a Liga Contra a Vacina Obrigatória, incitando resistência e desinformação através da mídia. Apesar da revolta, conhecida como a Revolta da Vacina, Cruz conseguiu erradicar a varíola, levando à conscientização gradual da importância da vacinação entre a população (Rosa; Barros; Laipelt, 2023). Apesar de o Ministério da Saúde tenha campanhas e programas para vacinação em massa de crianças, a fim de erradicar e prevenir doenças, hoje existem muitos contra os quais os pais destas crianças levam em consideração, como crenças, mitos e religiões. Afetando assim o alcance da cobertura vacinal infantil (Sousa; Vigo; Palmeira, 2012). Na nossa atualidade as mídias têm um peso de grande importância na influência da decisão de vacinar ou não as crianças e grande parte dessas informações não tem embasamento técnico científico e mesmo assim os movimentos antivacinas distorcem e divulgam estas informações para a comunidade (Passos; Filho, 2020).

Conclusão: Foi possível avaliar e compreender que as principais causas que levam os pais a recusarem a vacinação de seus filhos, são as crenças religiosas, medo das reações adversas e principalmente as fakes News e influência da mídia.

Referências

BELEBONI, R.; STABELI, R. Vacinas Direitos e Responsabilidades. **Physis: Revista Saude Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312021310201>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/MgM8MP48DmztrnmfwcH7pcc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 07 Abr. 2024.

BRASIL. Instituto Butantan. Governo do Estado de São Paulo. **Por que é mentira que as vacinas causam autismo? Conheça a história por trás desse mito**. Portal Butantan, 2023. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/por-que-e-mentira-que-vacinas-causam-autismo-conheca-a-historia-por-tras-desse-mito>. Acesso em 07 Abr. 2024.

D'ALMONTE, E. F.; SIQUEIRA, E. L.; SILVA, G. A. Vacinas e desinformação: uma análise de conteúdo sobre fake News apuradas por plataformas de debunking em redes sociais, **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v.17, n. 3, 2023. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i3.3821>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3821/2643>. Acesso em 07 Abr. 2024.

PASSOS, F. T.; FILHO, L. M. M. Movimento Antivacina: Revisão narrativa da literatura sobre fatores de adesão e não adesão a vacinação, **Rev JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 3, n.6, 2020. DOI <http://doi.org/10.5281/zenodo.3891915>. Disponível em: <https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/115/187>. Acesso em 22 set. 2024.

ROSA, S. S; BARROS, T. H. B.; LAIPELT, R. C. F. O discurso antivacina no ontem e no hoje: A revolta da vacina e a pandemia da covid- 19, uma abordagem a partir da análise do discurso, Rio de Janeiro, **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 17, n. 3, p. 616-632, 2023. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i3.3774>. Disponível em: 001185657.pdf. Acesso em 15 set. 2024.

SOUSA, C.; VIGO, Z.; PALMEIRA, C. Compreensão dos pais acerca da importância da vacinação infantil, **Rev enfermagem contemporânea**, Salvador, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/Admin,+2+Compreensao+dos+pais+vacinacao+artigo+finalizado%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Admin,+2+Compreensao+dos+pais+vacinacao+artigo+finalizado%20(1).pdf). Acesso em 07 de set. 2024.

CUIDADOS PALIATIVOS NEONATAL: IMPORTÂNCIA DA ENFERMAGEM NO PREPARO DOS PAIS APÓS DIAGNÓSTICO

Ana Laura Dias¹, Josiane Estela de Oliveira Prado ², Adriana Aparecida Baraldi Gaion³

¹Aluna de Enfermagem- Faculdades Integradas de Bauru- FIB - lau04.ana@gmail.com

²Professora do curso de Enfermagem- Faculdades Integradas de Bauru-FIB - josiac@fibbauru.br

³ Professora do curso de Enfermagem- Faculdades Integradas de Bauru-FIB-
adrianabaraldig@hotmail.com

Grupo de trabalho: ENFERMAGEM

Palavras-chave: Enfermagem de Cuidados Paliativos na Terminalidade da Vida; Cuidados Paliativos na Terminalidade da Vida; Cuidados de Enfermagem, Enfermagem Neonatal.

Introdução: Os cuidados paliativos agem como intervenções essenciais para melhorar a qualidade de vida de pacientes com doenças crônicas ou graves, conforme definido pela Organização Mundial da Saúde. Esses cuidados se concentram na gestão da dor e no alívio de sintomas, além de oferecerem suporte emocional, espiritual e social desde o diagnóstico até o final da vida. Cicely Saunders é apresentada como uma figura central na evolução dos cuidados paliativos, tendo criado o conceito de "dor total", que considera não apenas a dor física, mas também os aspectos mentais e espirituais do sofrimento. Dantas (2020). No campo da neonatologia, os cuidados paliativos começam no momento do nascimento e vão até 28 dias, com uma ênfase particular na atuação da equipe de enfermagem, da qual desempenha um papel crucial ao oferecer suporte aos pais, permitindo que eles interajam com seus bebês, independentemente de suas condições e criando um ambiente acolhedor. A assistência é projetada para minimizar a dor e o sofrimento do recém-nascido, promovendo um cuidado individualizado que fortalece os vínculos familiares. CRM-PR (2019).

Objetivos: O objetivo desse trabalho é integrar a adequação dos pais no preparo da morte como seguimento do nascimento por meio da ação da enfermagem nessa realidade.

Relevância do Estudo: Durante a gestação é esperado pela mãe projetar um futuro promissor para o filho com expectativa de um sonho durante os meses gerando a criança. Descobrir uma doença grave ou síndrome na gestação ou após o nascimento gera-se um impacto desconfortável, pois os pais devem ser preparados a um cuidado paliativo desde o momento que o bebê está sendo desenvolvido, sendo ele seguido de morte após o nascimento. Afinal, a expectativa de vida é mínima. Diante do exposto, se faz necessário esse estudo para conhecimento da atuação da enfermagem frente a este cenário, visando a humanização, ética e conhecimento para lidar com um paciente paliativo, a tratar a notícia para os pais.

Materiais e métodos: O estudo trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, escolhida por sua abordagem ampla, sem regras rígidas na busca de fontes. Essa revisão analisa e descreve o conhecimento sobre um tema específico, buscando responder a perguntas relevantes. A pesquisa utilizou diversas fontes, como livros, artigos e literatura cinzenta, acessadas nas bases de dados BVS, LILACS e Google Acadêmico.

Resultados e discussões: Segundo Verri *et al.* (2019) há uma discussão sobre as expectativas e sonhos gerados durante a gestação e a importância da comunicação da equipe médica e de enfermagem ao informar os pais sobre o estado paliativo do bebê. O cuidado paliativo visa aliviar o sofrimento, considerando as experiências dos pais e do neonato. Para Duarte *et al* (2013) o estágio final da vida é um processo dito como "fase da morte" ocorrendo

de forma irreversível, sendo sugerida uma condição de otimizar a boa qualidade da morte ao paciente e à família. Neste contexto, sabe-se que os cuidados integrados ao paciente paliativo é realizar o monitoramento observacional, conduta com atenção prioritária e minuciosa, durante o tratamento pode ser desenvolvida a dependência ao paciente, principalmente quando neonato, uma vez que a atenção deve ser ainda mais intencional, exigindo de quem cuida, uma disposição e saúde emocional além do convencional. Para Rodrigues *et al.* (2022) o cuidado paliativo possui abordagem semelhante ao adulto, no que se relaciona ao controle dos sintomas e cuidados para toda família, com a criança envolvem singularidades minuciosas. A descoberta de uma condição sem prognóstico gera um processo difícil de aceitação e luto, que é descrito em cinco fases: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação. a negação serve como uma defesa inicial contra a dor da perda, enquanto a raiva emerge como um sentimento de injustiça. a negociação envolve questionamentos e tentativas de aliviar a dor, muitas vezes resultando em depressão, onde o indivíduo se sente impotente. a aceitação encerra o ciclo do luto, embora ainda possa haver vulnerabilidade emocional. Além disso, é enfatizada a importância do suporte emocional para os pais durante e após o processo de luto, sugerindo estratégias como grupos de apoio. A qualidade da morte e do cuidado final são fundamentais, destacando a necessidade de uma abordagem humanizada e o envolvimento ativo dos pais nos cuidados paliativos, seja em ambiente hospitalar ou domiciliar.

Conclusão: Conclui-se que integrar a adequação dos pais no preparo para a morte, como seguimento do nascimento, por meio da ação da enfermagem é um desafio, principalmente no Brasil. A descoberta de doenças graves ou síndromes gera um impacto significativo, exigindo que os pais sejam preparados para cuidados paliativos desde a gestação, devido à expectativa de vida mínima do bebê. Assim, este estudo é necessário para compreender a atuação da enfermagem, priorizando a humanização e a ética na comunicação com os pais

Referências

CRM-PR - Conselho Regional de Medicina do Paraná. **Cuidados paliativos: A importância do cuidado, do conforto e do controle dos sintomas.** Curitiba, PR, 2019 Disponível em: <https://www.crmpr.org.br/Cuidados-Paliativos-a-importancia-do-cuidado-do-conforto-e-do-controle-dos-sintomas-13-51826.shtml>. Acesso em: 26 abr. 2024.

DANTAS, C.M.L. et al. Cuidados paliativos em neonatologia sob a ótica do enfermeiro. **Esc AnnaNery**, v.24, n.2, p. 100-24, fev/ 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zng47rM3jGsgmyHbt4YQdgy>. Acesso em: 20 set. 2024

DUARTE I.V, *et al.* Cuidados Paliativos Domiciliares: considerações sobre o papel do cuidador familiar. **SBPH Sociedade Brasileira de psicologia hospitalar**, v. 16, n. 2, p. 85-98, dez/2013. Disponível em: <https://dms.ufpel.edu.br/static/bib/v16n2a06.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

RODRIGUES, B.R. *et al.* Desafios na implementação de cuidados paliativos na neonatologia: Uma revisão integrativa. **Publicação Oficial da Sociedade Brasileira de Pediatria.** Uberaba/MG, n.4, v.12, p.1-4, julho/2022. Disponível: <https://residenciapediatrica.com.br/detalhes/1278/desafios%20na%20implementacao%20de%20cuidados%20paliativos%20na%20neonatologia-%20uma%20revisao%20integrativa>, Acesso em: 04 jun. 2024.

VERRI, E. R. *et al.* Profissionais de enfermagem: compreensão sobre cuidados paliativos pediátricos. **Rev de enf UFPE on-line.** Recife/ PE, v.13, n.1, p. 126-36, jan/ 2019. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i01a234924p126-136-2019>. Disponível em: Vista do Profissionais de enfermagem: compreensão sobre cuidados paliativos pediátricos (ufpe.br). Acesso em: 16 fev. 2024.

A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO ALEITAMENTO MATERNO E A MANUTENÇÃO DA PRODUÇÃO LÁCTEA

Evellyn de Sousa Rodrigues¹; Adriana Aparecida Baraldi Gaion²; Ana Kelly Kapp Poli Schneider³;

¹Aluna de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB evellynrdg@gmail.com;

²Professora do curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
adrianabaraldig@gmail.com;

³Professora do curso de Administração – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
anakellypoli@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Aleitamento Materno; Leite Humano; Lactação; Nutrição do Lactente.

Introdução: Existe diversos cargos ao profissional da saúde, mas a assistência ao paciente é a mais conhecida e quando falamos sobre a amamentação o profissional da saúde consegue influenciar positivamente as gestantes e puérperas a realizarem o ato corretamente para que elas consigam se beneficiar dos proveitos que a amamentação traz (Trajano, 2019). Preservar a amamentação vai auxiliar na saúde da mãe, podemos citar que previne a mulher do câncer de mama, diminui a hemorragia pós-parto e risco de anemia e auxilia na recuperação e retorno do tamanho normal do útero, além de fortalecer o vínculo afetivo com o filho trazendo segurança, conforto e bem-estar (Dias, 2017). Possuímos diversos motivos para realizar o estímulo da amamentação, mas um deles é a diminuição da mortalidade, pois o leite é feito para o bebê, é fácil de ofertar, simples de digerir, evita cólicas e pode auxiliar no sistema imunológico da criança para combater doenças pois possui substâncias que protegem todo o organismo do bebê (Santos; Meireles, 2021).

Objetivos: O estudo em questão teve como objetivo reforçar a importância da amamentação exclusiva para a promoção de saúde e a importância da assistência do profissional enfermeiro durante esse processo.

Relevância do Estudo: A amamentação é um tema crucial para a saúde e a assistência de enfermagem exerce um papel significativo. Compreendendo a importância do aleitamento materno, os profissionais de enfermagem conseguem orientar e apoiar mães, promovendo não apenas a nutrição para a criança, promovem e fortificam o vínculo afetivo. O estudo sobre amamentação consegue qualificar os enfermeiros a identificar dificuldades e solucionar problemas, possibilitando que mães e bebês desfrutem dos benefícios desse ato natural. Empenhar-se no conhecimento é fundamental para prepararmos uma equipe de saúde mais estruturada e abertos às necessidades familiares.

Materiais e métodos: O trabalho trata-se de uma revisão literária do tipo narrativa. A escolha dos artigos utilizados ocorreu com a literatura e entendimento dos temas de cada escritor, sendo considerado critérios inclusão as publicações nacionais, na língua portuguesa, usou-se também, artigos com mais de dez anos de publicação pois para a formulação desse trabalho, a utilização dele foi muito importante, já como critérios de exclusão foram trabalhos que fogem ao tema descrito, em outras línguas, com tempo maior que dez anos de publicação, acessos pagos.

Resultados e discussões: O leite materno tem sua importância na vida do bebê, desde as primeiras horas pós-parto, pois traz diversos benefícios a ele, o protege de doenças infecciosas, diarreias, auxiliam na criação de imunidade que reduz os riscos de mortalidade e favorece a ligação entre mãe e filho, por conta desses fatos é crucial que as gestantes, mães

e família recebam a assistência da equipe de enfermagem nesse período. Levando em consideração a fisiologia do corpo humano, toda mulher consegue amamentar, mas isso não é garantido de que todas elas realizem a prática. Mas quando a mulher, mãe, decide manter a amamentação exclusiva, ela não irá ofertar apenas o leite como alimento, mas irá fornecer saúde e afetividade, que se inicia desde a concepção, na gestação e se fortifica na amamentação. (Dias, 2017). A amamentação materna exclusiva deve acontecer nos 6 primeiros meses da criança, ou seja, nesse período não é necessário ofertar outros líquidos como água e/ou qualquer tipo de alimento, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (Santos; Meireles, 2021). Oliveira *et al.* (2024); Araújo *et al.* (2023) reforçam que o enfermeiro possui um cargo de importância no processo da amamentação podendo levar informações tanto técnicas, como abordando o assunto do modo explicativo sobre importância e os benefícios para a mães. O profissional da saúde, enfermeiro, pode encarar o assunto como um objetivo estabelecendo metas onde o resultado é um período de amamentação efetiva, de modo prazeroso para a mulher e promovendo a saúde de ambos de uma só vez.

Conclusão: Diante de todo trabalhado apresentado podemos observar a importância e impacto que gera a amamentação na vida socioemocional da mãe, podemos analisar os benefícios trazidos pelo simples ato de alimentar. Discorremos sobre os benefícios encontrados no leite materno e quão crucial se faz na vida de um bebê, mas também foi destacado sobre a promoção de saúde a mãe e ao filho de uma única vez. Trouxemos para o estudo a assistência do enfermeiro no período da amamentação, pois com olhar amplo sobre o assunto e munido de informações conseguiu promover a saúde, bem-estar e conforto.

Referências:

ARAÚJO, S. L. M. *et al.* Estratégias para aumento da produção do leite materno entre lactantes. **Rev. Eletrônica Acervo Saúde**. v. 23, n. 9, p. 1-12, set 2023. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/13823/8044>. Acesso em: 14 Ago. 2024.

DIAS, D. M. **Assistência de enfermagem no incentivo ao aleitamento materno**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Faculdade Centro Universitário Anhanguera – Unidade II, Campo Grande, 2017. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/13858/1/DEBORA%20MACHADO%20DIAS.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

OLIVEIRA, S. M. *et al.* O enfermeiro como agente educador no processo de amamentação exclusiva. **Rev. Pró-univerSUS**, v.15, n.2, 2024. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/3878/2412>. Acessado em: 04 Ago. 2024.

SANTOS, C. A; MEIRELES, P. C. A importância da amamentação nos seis primeiros meses de vida e o papel da enfermagem. **Rev. Coleta Científica**, v. V, n.9, 2021. Disponível em: <https://portalcoleta.com.br/index.php/rcc/article/view/56/47>. Acesso em: 04 Ago. 2024.

TRAJANO, F. J. L. **A importância do enfermeiro em uma unidade básica de saúde frente ao incentivo do aleitamento materno**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Faculdade Anhanguera Educacional, Taboão da Serra, 2019. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/28635/1/Francisca+Josilene+Lopes+Trajano.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO PACIENTE INFARTADO NO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR

Pabla Alarcon Zerlin¹; Julio Cesar Aparecido Gomes²; Cariston Rodrigo Benichel³

¹Aluna de Enfermagem - Faculdades Integradas de Bauru - FIB - pabla.aalarcon@gmail.com

² Docente do curso de Enfermagem - Faculdades Integradas de Bauru - FIB -
julio.gomes@unesp.com

³Professor do curso de Enfermagem - Faculdades Integradas de Bauru - FIB -
c.benichel@hotmail.com

Grupo de trabalho: Enfermagem

Palavras-chave: Emergência, Urgência, Infarto agudo do miocárdio, Enfermeiro

Introdução: O infarto agudo do miocárdio (IAM) é uma patologia que se estabelece pela completa necrose tecidual do músculo do coração (miocárdio) decorrente da ausência de irrigação sanguínea, pelo comprometimento de algum vaso que transporta sangue ao coração. O IAM desponta como uma doença frequente no setor de emergência dos hospitais, sendo considerado um sério problema de saúde devido sua alta taxa de morbidade e mortalidade (Silva *et al.*, 2020). A principal função da enfermagem em urgências e emergências é conceder atendimento com manutenção das principais funções vitais do paciente, sempre buscando proteger a vida. Para isso, é essencial a capacitação e atualizações para um atendimento adequado e humanizado ao paciente de urgência e emergência (Silva *et al.*, 2019).

Objetivo: Descrever a atuação do enfermeiro no atendimento do paciente infartado no âmbito pré-hospitalar.

Relevância do Estudo: o IAM é uma patologia de intensa gravidade, considerada uma emergência que demanda alto nível de atendimento, viabilizado por profissionais devidamente qualificados, especializados e aptos para realização dos procedimentos. Os profissionais de enfermagem são os que efetuam a assistência nesse processo, ou seja, são os profissionais responsáveis pelo cuidado aos pacientes com IAM.

Materiais e métodos: A pesquisa será do tipo qualitativa, com o método de revisão bibliográfica, pautada em buscas eletrônicas nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PubMed, SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*) e Google Acadêmico; nos livros online, revistas científicas, outros periódicos, monografias e dissertações sobre a temática da atuação do enfermeiro no atendimento do paciente infartado no âmbito pré-hospitalar.

Resultados e discussões: O IAM se manifesta por diversos sintomas que configuram a isquemia e a lesão do músculo cardíaco. O principal sintoma, que é amplamente mencionado pelos pacientes é a dor torácica intensa, geralmente na forma de sensação de pressão ou queimação no centro do tórax (Alves *et al.*, 2017). Nas situações de emergência, o enfermeiro é o profissional inicial e responsável pela triagem, que realiza avaliações e estabelecem prioridades, além de encaminharem ao setor de tratamento. Soares *et al.* (2020) mencionam o protocolo *Advanced Cardiac Life Support* (ACLS), nos atendimentos iniciais do paciente portador de IAM no intuito de manter e restabelecer a atividade cardíaca e respiratória. O enfermeiro presta os atendimentos emergenciais e trabalha no monitoramento constante desse paciente, sendo essencial que este profissional disponha de habilidade técnica para reconhecimento de sinais e sintomas, interpretação de dados do eletrocardiograma (ECG), bem como a prestação de cuidados de enfermagem. Moraes-Filho *et al.* (2018) demonstraram

a importância do papel do enfermeiro na classificação de risco com relação a adequada atribuição de prioridade aos pacientes. Uma de suas funções mais relevantes se trata da avaliação rápida, que abrange uma célere tomada de decisões e uma apropriada delegação de tarefas, levando em consideração o curto tempo de entrevistas e registros desses pacientes, juntamente a aferição dos sinais vitais.

Conclusão: O IAM é uma patologia que ocasiona limitações, além de impactar a vida e o cotidiano dos indivíduos acometidos por ele. Dessa forma, torna-se essencial a celeridade do diagnóstico, a fim de possibilitar adequado tratamento e recuperação ao paciente. Com isso se observa a importância do profissional enfermeiro no cuidado desses pacientes.

Referências

ALVES, E. A. *et al.* Infarto agudo do miocárdio: a importância do profissional de enfermagem em um sistema de triagem estruturado. **Revista Saúde em Foco**, n. 9, p. 657-678, 2017. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/074_infartoagudodomiocardio.pdf. Acesso em: 03 set. 2024.

MORAES-FILHO, I. M. *et al.* O papel do enfermeiro frente à implantação Protocolo de Manchester nos serviços de urgência e emergência. **Revista da Faculdade União Goyazes**, Trindade, v. 12, n. 1, p. 37-46, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://unigoyazes.edu.br/revistas/index.php/VitaetSanitas/article/view/158/135>. Acesso em: 06 set. 2024.

SILVA, M. P. B. *et al.* Intervenções de emergência ao paciente com suspeita de infarto agudo do miocárdio. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, e781997949, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7949>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/7949/7001/113061>. Acesso em: 06 abr. 2024.

SILVAL, L. A. S. *et al.* Atuação da enfermagem em urgência e emergência. **Revista Extensão**, v. 3, n. 1, p. 83-92, 2 out. 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/1688/1127>. Acesso em: 03 abr. 2024.

SOARES, F. M. M. *et al.* Condutas de enfermagem aplicadas ao paciente com infarto agudo do miocárdio no pré-hospitalar. **Revista enfermagem atual in derme**, p. 92-30, 2020. <https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/662/660>. Acesso em: 07 abr. 2024.